

Universidade do Minho
Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Maria João Dantas Ferreira

**A redefinição do papel e das
competências do tradutor em
contexto de estágio na L10N Studio,
Lda.**



Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Maria João Dantas Ferreira

A redefinição do papel e das competências do tradutor em contexto de estágio na L10N Studio, Lda.

Relatório de estágio

Mestrado em Tradução e Comunicação Multilíngue

Trabalho efetuado sob a orientação do
**Professor Doutor Fernando Gonçalves
Ferreira Alves**

janeiro de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão a todas as pessoas e instituições que, de diversas formas, contribuíram para a concretização deste relatório de estágio.

Em primeiro lugar, dirijo um especial agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor Fernando Gonçalves Ferreira Alves, pela paciência, pelos valiosos conselhos, pela orientação precisa e pelas recomendações bibliográficas ao longo de todo o processo de elaboração deste relatório. Para além disso, agradeço-lhe por ser um exemplo de excelência, tanto a nível profissional como pessoal. Não poderia ter escolhido melhor orientador para me guiar neste percurso académico.

Agradeço igualmente aos restantes professores do curso de MTCM, que, ao longo da sua docência, foram fundamentais na construção das minhas referências académicas e na formação da minha ética profissional. O conhecimento que transmitiram, aliado à sua postura e ao rigor com que exercem a sua atividade, marcou profundamente o meu desenvolvimento.

À equipa da L10N, e em particular à minha orientadora Ana Rita Canteiro, expresso o meu sincero agradecimento por me terem proporcionado uma visão clara e acolhedora do funcionamento de uma empresa de tradução em crescimento, permitindo-me vivenciar essa realidade de forma enriquecedora, ainda que num contexto virtual.

A minha gratidão estende-se também à minha mãe, que sempre foi o meu maior pilar, assegurando não só o meu bem-estar mas também todas as condições para o meu sucesso, zelando sempre pelos meus interesses. Ao meu irmão, Dinis, que é o meu constante apoio, e aos meus amigos, que viveram esta jornada ao meu lado, deixo também o meu profundo agradecimento pela amizade, entreaajuda e camaradagem, que tanto significaram para mim durante este percurso.

Por fim, dedico este trabalho a todos os profissionais e futuros profissionais da área da tradução, cuja dedicação e empenho me inspiram a prosseguir neste caminho.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A redefinição do papel e das competências do tradutor em contexto de estágio na L10N Studio, Lda.

Resumo

Este relatório de estágio centra-se na redefinição do papel e das competências do tradutor no contexto do estágio curricular realizado na L10N Studio, Lda., representando a conclusão do Mestrado em Tradução e Comunicação Multilíngue.

O enquadramento teórico sublinha a crescente relevância do tema nos Estudos de Tradução, em resposta às transformações significativas induzidas pela globalização, pelos avanços tecnológicos e pelas dinâmicas das economias neoliberais. São abordados tópicos como a definição do conceito do tradutor, as mudanças na indústria e no mercado global, a noção de competência tradutória, a formação de tradutores, a “dança da agência” entre o elemento humano e a máquina e o autoconceito do tradutor, culminando nas perspetivas futuras da profissão, refletidas na secção “*Quo Vadis, interpres?*”.

A componente prática do estágio fornece uma visão geral do ambiente de trabalho, incluindo a apresentação da entidade de acolhimento, os detalhes do estágio, o fluxo de trabalho e os tipos de tarefas realizadas. A análise dos dados dos projetos, englobando domínios, tipologias textuais e recursos utilizados, como ferramentas de gestão de projetos e CAT Tools, permite uma compreensão aprofundada da rotina do tradutor e dos desafios enfrentados na prática.

Palavras-chave: competência tradutória, formação de tradutores, GILT, papel do tradutor, tradução especializada

The Redefinition of the Translator's Role and Competencies in the Context of an Internship at L10N Studio, Lda.

Abstract

This internship report focuses on redefining the role and competencies of the translator within the context of the curricular internship completed at L10N Studio, Lda., serving as the final requirement for the Master's in Translation and Multilingual Communication.

The theoretical framework emphasizes the increasing relevance of this subject in Translation Studies, driven by significant shifts driven by globalization, technological advances, and the rise of neoliberal economies. Key topics explored include the definition of the translator's role, changes in the industry and global market, the concept of translation competence, translator training, the “dance of agency” between human and machine, and the translator’s self-concept, culminating in future perspectives for the profession, discussed in the section “*Quo Vadis, interpretes?*”

The practical component of the internship provides an overview of the work environment, including the presentation of the host company, the internship details, the workflow, and the types of tasks performed. The analysis of project data, covering domains, text types, and resources used, such as project management tools and CAT Tools, offers an in-depth understanding of the translator's routine and the challenges faced in practice.

Keywords: GILT, role of the translator, specialized translation, translation competence, translator training

Índice

I.	Introdução	1
II.	Enquadramento teórico	3
2.1.	O Conceito e Definição do Tradutor	3
2.2.	As mudanças da Indústria e do Mercado Global.....	4
2.3.	A noção de competência tradutória.....	7
2.4.	Formação de tradutores	10
2.5.	A “dança da agência” e o autoconceito do tradutor	13
2.6.	<i>Quo Vadis, interpre?</i> (Onde vais tradutor?)	15
III.	Contextualização do estágio	22
3.1.	Apresentação da entidade de acolhimento.....	22
3.2.	Detalhes do estágio.....	23
3.3.	Fluxo de trabalho	24
IV.	Dados dos projetos	27
4.1.	Dados gerais.....	27
4.2.	Tipos de tarefa.....	29
4.3.	Domínios e tipologias textuais	31
4.3.1.	Domínios.....	32
4.3.2.	Tipologias textuais	35
4.4.	Recursos	39
4.4.1.	Ferramentas de Gestão de Projetos.....	39
4.4.2.	CAT Tools/TEnTs	41
4.4.3.	Ferramentas de QA.....	44
4.4.4.	Outros recursos linguísticos	46
V.	Análise SWOT do estágio	51
VI.	Considerações finais	54
VII.	Referências Bibliográficas.....	57

Lista de figuras

Figura 1 - Organograma da L10N.....	23
Figura 2 - Cronologia do Estágio.....	24
Figura 3 - Fluxo de trabalho na L10N	26
Figura 4 - Diagrama das Tipologias Textuais.....	37

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Rácio entre projetos reais e "dummies"	27
Gráfico 2 - Rácio entre pares linguísticos	28
Gráfico 3 - Rácio de domínios especializados	33

Lista de tabelas

Tabela 1 - Funcionalidades de uma TEnT	43
Tabela 2 - Análise SWOT	52

Lista de abreviaturas e siglas

CAT — Computer-Aided Translation

CT — Competência Tradutória

EMT — European Master's in Translation

GILT — Globalization, Internationalization, Localization, and Translation

HCI — Human-Computer Interaction

IATE — Interactive Terminology for Europe

ISO — International Organization for Standardization

LSP — Language Service Provider

MT — Machine Translation

NMT — Neural machine translation

PACTE — Process in the Acquisition of Translation Competence and Evaluation

QA — Quality Assurance

QECR — Quadro Europeu Comum de Referência

RBMT — Rule-based Machine Translation

SMT — Statistical Machine Translation

TA — Tradução Automática

TB — Term Base

TEnT — Translation Environment Tools

TM — Translation Memory

I. Introdução

Este relatório de estágio centra-se na redefinição do papel e das competências do tradutor no contexto do estágio realizado na L10N Studio, Lda., servindo como conclusão do Mestrado em Tradução e Comunicação Multilingue. A escolha deste tema deve-se à sua crescente relevância no contexto atual dos Estudos de Tradução, especialmente em face das transformações induzidas pela globalização, dos avanços tecnológicos e das dinâmicas das economias neoliberais, que exigem uma reflexão crítica e uma adaptação contínua por parte dos tradutores.

Apesar de se tratar de um relatório de estágio e não de uma dissertação, o documento assume uma vertente teórica mais desenvolvida em detrimento da prática. Esta escolha justifica-se pela complexidade do tema, que apresenta múltiplas camadas de análise e entrelaça várias áreas do conhecimento. A tradução, sendo uma atividade fortemente influenciada por fatores externos, torna pertinente a inclusão de considerações teóricas provenientes de áreas como a economia, ciência política e sociologia, além da tradutologia. Todavia, a componente prática mantém a sua relevância, pois permitiu à estagiária uma imersão na realidade profissional do tradutor contemporâneo, o que facilitou a identificação dos aspetos mais importantes a abordar. Esta experiência prática ocorreu no contexto de uma empresa de tradução especializada, em crescimento, que colabora com clientes internacionais de renome, permitindo uma compreensão mais profunda da rotina e dos desafios enfrentados pelos tradutores, na atualidade.

Assim, ainda que a vertente teórica tenha maior peso, a prática permanece imprescindível para o relatório, complementando a análise do papel e das competências do tradutor. A articulação entre o percurso académico, o suporte teórico e a experiência de estágio permite uma descrição abrangente da função do tradutor, desde a sua formação até à prática profissional, com todas as suas implicações. A base teórica, neste sentido, serve como fio condutor para a reflexão crítica que perpassa todo o relatório.

Relativamente à estrutura deste relatório, ele encontra-se organizado em seis capítulos principais (sendo o primeiro, precisamente esta introdução), cada um dedicado a um aspeto específico da experiência de estágio e à análise teórica do tema central.

O Capítulo II, Enquadramento teórico, fornece a fundamentação conceptual necessária para compreender o papel do tradutor no contexto atual. O capítulo inicia com uma reflexão sobre o conceito e a definição do tradutor (2.1), seguida de uma análise das transformações na indústria

e no mercado global (2.2), que destacam os desafios e as mudanças que afetam a prática tradutória. A noção de competência tradutória (2.3), bem como a sua aquisição, é também abordada, clarificando as capacidades e os conhecimentos que se esperam do tradutor moderno. Posteriormente, examina-se a formação de tradutores (2.4), sublinhando a importância da educação formal e contínua na sua preparação. O capítulo discute ainda o autoconceito do tradutor e a “dança da agência” (2.5), com foco nas interações entre o tradutor e o ambiente hipertecnológico em que opera. A secção final, “*Quo Vadis, interpres?*” (Onde vais, tradutor?) (2.6), reflete sobre os desafios políticos e as perspectivas futuras da profissão.

O Capítulo III, Contextualização do estágio, descreve o contexto e as condições em que o estágio foi realizado. Este capítulo começa com a apresentação da entidade de acolhimento (3.1), fornecendo uma visão geral da empresa, e prossegue com a exploração dos detalhes do estágio (3.2), concluindo com a descrição do fluxo de trabalho (3.3), que detalha as principais etapas do processo tradutório observado durante o estágio.

O Capítulo IV, Dados dos projetos, centra-se nos projetos desenvolvidos ao longo do estágio. Primeiramente, são apresentados os dados gerais (4.1) dos projetos, seguidos de uma descrição dos tipos de tarefa (4.2) desempenhados. O capítulo segue com uma análise dos domínios e das tipologias textuais (4.3), dividida em domínios (4.3.1) e tipologias textuais (4.3.2). Adicionalmente, aborda-se a utilização de recursos durante o estágio, incluindo ferramentas de gestão de projetos (4.4.1), CAT Tools/TEnTs (4.4.2), ferramentas de QA (4.4.3) e outros recursos linguísticos (4.4.4) que apoiaram o trabalho.

O Capítulo V apresenta uma Análise SWOT do estágio, em que são analisados os pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças que emergiram durante a experiência.

Finalmente, o Capítulo VI, Considerações finais, reúne as principais aprendizagens, reflexões críticas e conclusões acerca do estágio e do papel do tradutor no mercado atual.

O relatório encerra com a secção de Referências Bibliográficas (Capítulo VII), onde são listadas todas as fontes consultadas.

II. Enquadramento teórico

2.1. O Conceito e Definição do Tradutor

A palavra “tradução” tem origem no latim “traductio”, que resulta da combinação do prefixo “trans-”, significando “através” ou “além”, e do verbo “ducere”, que se traduz como “conduzir” ou “levar”. Desde a sua etimologia, o termo sugere a ideia de “levar algo de um lugar para outro”. Contudo, o ato de transportar significados entre línguas e culturas revela-se, na prática, muito mais complexo do que uma simples troca de palavras. De facto, embora “tradução” seja um termo que o público em geral considera ser capaz de definir com precisão, essa suposição é, na verdade, enganadora. Trata-se de um conceito que, historicamente, tem um percurso intrinsecamente ligado à epistemologia de cada época, às culturas, às sociedades e a todas as transformações filosóficas, artísticas e científicas que influenciaram a humanidade. Com efeito, a tradução é afetada por uma multitude de fatores, não sendo alheia a nenhum deles; por conseguinte, a sua definição e, eventualmente, a sua identidade disciplinar encontram-se em constante mutação (Vidal Claramonte, 2009).

Com o mesmo simplismo, a função do tradutor é frequentemente descrita como a de “aquele que traduz” ou “autor de uma tradução” (Porto Editora, 2024). De forma análoga, a norma ISO 17100 — que estabelece requisitos para os serviços de tradução, orientando os prestadores de serviços em relação à qualidade e à gestão de projetos — define o tradutor como “a pessoa que traduz” (ISO 17100, 2015, secção 2.4.4). Embora essas definições possam ser adequadas em contextos históricos, revelam-se atualmente manifestamente redutoras. Essa visão limitada contrasta com a evolução da profissão, que, impulsionada pelo avanço da indústria, da globalização e da tecnologia, ampliou significativamente o espectro de responsabilidades. Se, nos anos setenta do século XX, os tradutores se restringiam à mera transcrição textual, hoje estão incumbidos de uma vasta gama de tarefas, que inclui a gestão de projetos, a elaboração de documentação especializada, a gestão terminológica, a reescrita de textos, a gestão da qualidade, a pós-edição e uma série de atividades associadas à crescente indústria da localização e ao advento da tradução automática (Pym, 2003).

Essa mudança de paradigma no que concerne ao papel e à profissão do tradutor foi gradativamente ocorrendo ao longo dos séculos, sendo agravada e acelerada pela era global e tecnológica, que tem evoluído rapidamente desde a década de 1980. Este período é caracterizado pela crescente utilização e disponibilização de serviços multilíngues na Internet e pelo comércio

eletrónico global, revolucionando profundamente os contextos de trabalho e de negócios. Assim, emerge um novo enquadramento para a comunicação transfronteiriça e cultural no século XXI.

2.2. As mudanças da Indústria e do Mercado Global

Thomas L. Friedman, em *It's a Flat World, After All* (2005), descreve a globalização como o fenómeno que tem vindo a “diminuir” o mundo desde a expedição de Colombo às Américas, momento que considera o início de todo o fenómeno. Friedman enumera as fases da globalização — da 1.0 à 3.0, inspirando-se nos conceitos da indústria do *software* — cada uma caracterizada por diferentes dimensões geográficas, objetivos e fatores impulsionadores. Na fase 1.0 (1492 a 1800), eram as nações que procuravam conquistar outros territórios pelo mundo em busca de recursos; a fase seguinte, a 2.0, (1800 a 2000), já teve uma dimensão muito menor, tendo sido liderada por empresas em busca de mercados e mão de obra globalizados; por sua vez, a fase 3.0, iniciada por volta de 2000, reduziu o mundo de tal forma que a expansão passou a ser protagonizada pelo indivíduo e por pequenas comunidades. Este fenómeno relaciona-se com o conceito de modernidade líquida, proposto por Zygmunt Bauman (2000), que descreve a dissolução das estruturas sociais estáveis e a crescente fluidez nas relações e instituições. Nesta nova configuração global, o indivíduo ganha um papel central, assumindo mais autonomia nas suas ações e decisões, o que se pode entender como uma forma de emancipação individual.

Contudo, esta emancipação, apesar de promover liberdade, também pode conduzir à alienação. O enfraquecimento das instituições tradicionais, como o Estado, a família e o mercado, que outrora ofereciam segurança e identidade, deixa o indivíduo num contexto de incerteza e fragilidade. A ausência de laços sociais fortes e a constante necessidade de adaptação às mudanças globais podem levar à sensação de isolamento. Assim, embora a globalização 3.0 ofereça ao indivíduo a oportunidade de agir à escala global, também expõe a vulnerabilidade resultante da falta de referências estáveis, característica da modernidade líquida.

As fases 2.0 e 3.0 foram particularmente impactantes para a profissão do tradutor, introduzindo tecnologias e conceitos que revolucionaram totalmente a área profissional. A Globalização 2.0 foi impulsionada pelas indústrias GILT (Globalização, Internacionalização, Localização e Tradução), que surgiram em meados da década de 1980 com o desejo de as empresas de *software* norte-americanas singrarem no mercado internacional por meio da adaptação dos seus produtos e serviços para diferentes *locales* — o conjunto de configurações

padrão, regras e dados específicos a uma língua e a uma região geográfica (Esselink, 2000) — o que espoletou uma grande procura por serviços de tradução. Este período testemunhou também o aparecimento das ferramentas CAT que possibilitaram a automatização da atividade tradutória através de sistemas de gestão de terminologia, memórias de tradução (TM) e bases de dados bilingues que permitem o armazenamento de corpora paralelos para a recuperação e reutilização de segmentos de texto previamente traduzidos (conceito conhecido, na indústria, como *leveraging*), e ainda sistemas de tradução automática (MT) que têm o poder de pré-traduzir todo o texto a fim de poupar trabalho ao tradutor. Mais tarde, com o advento e o desenvolvimento da Internet, a localização deixou de estar associada apenas a produtos de *software* e hardware, mas também a websites, multimédia e qualquer tipo de conteúdo digital, transformando a indústria da localização no “catalisador da produção e publicação eletrónica multilingue” (Schäler, 1999, p. 26). Esta nova face do setor da localização resultou da convergência de tecnologias e indústrias como a informática, a comunicação, a criação de conteúdos, a produção de filmes e vídeos, entre outros. Esta convergência abriu caminho para a chamada “viragem tecnológica” (Cronin, 2010, p. 1) nos Estudos de Tradução, contribuindo, por sua vez, para a procura intensa de serviços de tradução e localização em todo o mundo e para a mutação da natureza da tradução profissional.

Por sua vez, na era da Globalização 3.0, a indústria da tradução profissional passou por mudanças profundas impulsionadas pelo aprimoramento da Tradução Automática e pelo surgimento do modelo de *crowdsourcing*, dois fenómenos que suscitaram grandes preocupações na comunidade de tradutores, nomeadamente por resultarem na diminuição da procura pelos seus serviços, a inevitável descida das suas tarifas e o desprestígio geral do estatuto e credibilidade da profissão. No caso da tradução automática, Frank Austermühl (2011) argumenta que o seu sucesso e adesão crescente se devem ao declínio das expectativas dos utilizadores e da progressiva “humanização” dos outputs dos sistemas de MT conseguida através de corpora retirados de compilações de textos produzidos por humanos (Austermühl, 2011, p. 4). Estes corpora podem também ser um motivo para o insucesso das traduções automáticas, pois, muitas vezes, são retirados da Web sem qualquer critério, dando origem a erros graves nas traduções, especialmente de cariz terminológico, que só poderão ser corrigidos através da pós-edição humana e, a longo prazo, podem contaminar e poluir as bases de dados. Por sua vez, o *crowdsourcing* — também chamado de tradução colaborativa, tradução feita por fãs, tradução baseada em utilizadores, tradução amadora, tradução voluntária, CT3 (tradução comunitária, de crowdsourcing e colaborativa), tradução em rede, tradução social, tradução Web 2.0., etc. (Austermühl, 2011:15)

— é descrito como o segundo “catalisador de desordem” no mercado da tradução, de acordo com Austermühl (2011). *Crowdsourcing* é um termo que foi cunhado por Jeff Howe, em 2006, e que o mesmo define como “o ato de aceitar um trabalho tradicionalmente efetuado por um agente designado (normalmente um empregado) e externalizá-lo para um grupo indefinido e geralmente grande de pessoas num anúncio público”. Este processo colaborativo tornou-se popular por razões óbvias, dado que se trata de uma forma de obter traduções baratas, ou mesmo gratuitas, e bem mais rápidas, uma vez que são realizadas em contexto de tradução colaborativa. Esta opção acaba por ser uma grande ameaça para os tradutores profissionais, uma vez que é “o público potencial da tradução que faz a tradução”, tornando-o num “modelo de internalidade orientado para o consumidor” (Cronin, 2013, p. 100). adicionando pressão financeira adicional a um trabalho já desvalorizado,

Portanto, em cerca de três ou quatro décadas, os tradutores profissionais assistiram a mudanças profundas que impactaram a sua profissão para sempre, nomeadamente: a fragmentação do mercado; a progressiva divisão e profissionalização das tarefas; a reestruturação e reorganização da profissão; a adoção imperativa e progressiva de novos conjuntos de aptidões e competências; a crescente automatização e deslocalização da atividade tradutória; o aumento do impacto da tecnologia; e o surgimento de ameaças como a tradução automática e o *crowdsourcing* que põe em causa a sua estabilidade económica e estatuto social (Raído, 2016).

Prova-se assim que, face a todas as vicissitudes agora enumeradas, as definições de tradutor inicialmente citadas acabam por não fazer, de todo, jus à profissão, tal como ela se apresenta hoje. Nesse seguimento, Vanessa Raído propõe uma definição muito mais fiel e atualizada, descrevendo os tradutores profissionais como “agentes altamente polivalentes cujo trabalho requer competências linguísticas avançadas, literacia da informação avançada e grande competência tecnológica e instrumental, operando atualmente numa e para uma sociedade cada vez mais tecnologizada, num sistema complexo e competitivo de expectativas de clientes e utilizadores, ferramentas e novas formas de organização e condições de trabalho” (Raído, 2016). O que se retira desta definição é que o tradutor, enquanto profissional, deixou de ser apenas definido por aquilo que produz, as traduções/textos de chegada, e passou a ser definido pelas suas competências, aquilo de que dispõe para obter o seu produto final. O que nos leva ao assunto das competências do tradutor e da aquisição das mesmas através da formação de tradutores.

2.3. A noção de competência tradutória

A noção de competência na área da tradução constitui um objeto de estudo relativamente recente em comparação com outras disciplinas. A Competência Tradutória foi mencionada pela primeira vez por Wilss, em 1976, tendo começado a ser analisada nos Estudos de Tradução na metade da década de 1980 e tornando-se proeminente na década de 1990, consolidando-se posteriormente nos anos 2000. Nos diversos modelos que surgiram posteriormente, não se conseguiu obter consenso em relação à definição do conceito de competência tradutória. No entanto, Pym (2003), após estudar modelos de outros tradutólogos, destacou quatro noções mais comuns de competência tradutória: a inexistência de competência tradutória, os modelos multicomponenciais, os modelos que consideram a soma das competências linguísticas bilíngues e o conceito de supercompetência. A maioria dos modelos que descrevem a competência tradutória são modelos componenciais que se centram nas componentes (ou subcompetências) que caracterizam a tradução escrita, tais como o conhecimento linguístico, o conhecimento extralinguístico, a competência de transferência, as capacidades de documentação e a competência estratégica (Hurtado Albir, 2010).

O modelo componencial mais reconhecido é o Modelo Holístico do grupo PACTE, um grupo de investigação liderado por Amparo Hurtado Albir, criado em 1997 com o objetivo de investigar a natureza da competência tradutória (CT) e a forma como esta é adquirida. Ao longo do tempo, o grupo refinou os modelos de CT com base em pesquisas empírico-experimentais. Este modelo holístico distingue entre competência (o sistema subjacente de conhecimento) e performance (o ato de traduzir), postulando que a competência tradutória é qualitativamente diferente da competência bilíngue, sendo esta última apenas um dos componentes da CT. A competência tradutória é definida como um sistema subjacente de conhecimentos, habilidades, destrezas e atitudes necessárias para traduzir, o qual, como qualquer conhecimento especializado, possui componentes declarativos e operativos.

Na sua primeira versão, apresentada em 1998, o modelo holístico definia a competência tradutória como um conjunto de seis subcompetências interrelacionadas. Estas incluem a competência bilíngue, que envolve a compreensão da língua de partida e a produção na língua de chegada, abrangendo conhecimentos gramaticais, textuais, ilocutivos e sociolinguísticos; a competência extralinguística, que abrange conhecimentos sobre o mundo, culturas e áreas temáticas específicas; a competência de transferência, considerada central e que integrava todas as restantes subcompetências, referindo-se à capacidade de realizar o processo de transferência

do sentido entre o texto de partida e o texto de chegada; a competência instrumental e profissional, que se refere ao uso de fontes de documentação, tecnologias de tradução e ao conhecimento do mercado de trabalho; a competência psicofisiológica, que engloba recursos cognitivos, psicomotores e comportamentais, como a memória, a concentração, o rigor e a criatividade; e, por fim, a competência estratégica, que inclui os procedimentos utilizados para identificar e resolver problemas no processo tradutório, desempenhando um papel crucial na monitorização e correção de deficiências nas outras subcompetências.

Em 2003, o grupo PACTE realizou uma revisão significativa deste modelo, eliminando a subcompetência de transferência, uma vez que se verificou que esta se sobrepunha à definição global de competência tradutória. A competência tradutória passou, então, a ser entendida como o sistema subjacente de conhecimentos, habilidades e destrezas necessárias para traduzir, composto por componentes declarativos e procedimentais, e integrando os conhecimentos necessários para completar o processo de tradução, desde a compreensão do texto de partida até à sua reexpressão no texto de chegada, em conformidade com o objetivo da tradução e o público destinatário. Nesta versão revista, o modelo passou a ser composto por cinco subcompetências: competência bilingue, competência extralinguística, competência em conhecimentos sobre tradução, competência instrumental e competência estratégica. A remoção da subcompetência de transferência teve como objetivo clarificar que esta já não deveria ser considerada uma subcompetência autónoma, mas antes como sinónimo da própria competência tradutória, refletindo assim o carácter especializado e integrado deste conhecimento.

No que diz respeito à aquisição da competência tradutória, o grupo PACTE considera que este é um processo de aprendizagem dinâmico, não linear e cíclico, que envolve a reestruturação e o desenvolvimento do conhecimento, desde um nível amador (competência pré-tradutória) até a um nível especializado (competência tradutória). Esta progressão não ocorre de forma sequencial ou previsível, mas sim através de uma evolução gradual e complexa que implica avanços e recuos, bem como a interação constante entre as diferentes subcompetências. Este processo requer a competência de aprendizagem e resulta numa reestruturação integrada de conhecimentos declarativos e operativos.

Durante a aquisição da competência tradutória, os aprendizes atravessam diferentes estágios de desenvolvimento, os quais podem ser influenciados por diversos fatores, como o tipo de tradução, a combinação linguística, a especialização e o contexto de aprendizagem. A experiência prática de tradução é crucial para a formação dos tradutores, na medida em que

permite aos aprendizes internalizarem os princípios da tradução e desenvolverem as suas competências. À medida que se expõem a diferentes situações de tradução, as suas subcompetências são continuamente desenvolvidas e reestruturadas.

Esta reestruturação implica a integração e o desenvolvimento de diferentes tipos de conhecimento, incluindo o conhecimento declarativo (saber o quê) e o conhecimento procedimental (saber como). O conhecimento declarativo refere-se aos princípios teóricos da tradução, enquanto o conhecimento procedimental envolve as competências práticas necessárias para realizar o processo tradutório. Duas variáveis-chave na aquisição da competência tradutória são o conhecimento de tradução (declarativo) e o projeto de tradução (procedimental). O primeiro abrange o conhecimento implícito que o aprendiz possui sobre os princípios da tradução, enquanto o segundo se refere à abordagem que o aprendiz aplica na tradução de um texto específico e nas unidades que o compõem, sempre em um determinado contexto.

Para avaliar o desenvolvimento da competência tradutória, são utilizados indicadores como o índice de dinamismo e o coeficiente de coerência. O índice de dinamismo mede se a abordagem à tradução é mais dinâmica (textual, interpretativa, comunicativa e funcionalista) ou estática (linguística e literal). O coeficiente de coerência, por sua vez, avalia a consistência da conceção de tradução do aprendiz, verificando se a sua abordagem aos diferentes aspetos da tradução é coerente.

Os estudos do grupo PACTE evidenciam a importância de uma conceção e de uma abordagem dinâmicas à tradução, tanto para a competência tradutória como para o processo de aquisição dessa competência. A progressão de um conhecimento declarativo estático para um dinâmico é uma característica fundamental do desenvolvimento da competência tradutória. Estes resultados reforçam a necessidade de integrar nas formações de tradução uma abordagem que promova o desenvolvimento de uma conceção dinâmica da tradução. Assim, a formação deve proporcionar aos aprendizes experiências práticas diversificadas que lhes permitam aprimorar as suas competências de resolução de problemas e de tomada de decisão, bem como a capacidade de aplicar estratégias de tradução eficazes. É igualmente crucial que a formação de tradutores aborde não apenas as competências específicas da tradução, mas também as competências genéricas, como a autocritica, o pensamento crítico e a capacidade de trabalhar sob pressão (PACTE, 2020).

2.4. Formação de tradutores

No âmbito da aquisição de competências tradutórias, torna-se, como já foi mencionado, de grande relevância, abordar os programas de formação de tradutores e, consequentemente, a conceção dos planos curriculares. Dorothy Kelly, no seu guia para formadores de tradutores (*A Handbook for Translator Trainers*, 2005), dedica um capítulo às questões essenciais para a elaboração de planos curriculares orientados para a tradução. Ela inicia este capítulo com uma citação de Cannon & Newble (2000), afirmando que “a chave do planeamento curricular reside na criação de ligações educacionalmente sólidas e lógicas entre as intenções planeadas (expressas como objetivos), o conteúdo do curso, os métodos de ensino, de aprendizagem e de avaliação da aprendizagem dos alunos, tendo em conta as suas características” (2000: 142–143, tradução própria). Partindo deste princípio, Kelly estipula que o primeiro passo é definir objetivos explícitos e transparentes, bem como os resultados esperados para os cursos formativos, algo que, segundo a autora, já faz parte na maioria dos sistemas, enquanto esforço contínuo para melhorar a aprendizagem dos estudantes.

Kelly (2005) também apresenta fatores a ter em consideração ao definir os resultados esperados. Entre estes incluem-se: as necessidades sociais, ligadas à economia local ou regional; as normas profissionais, que em alguns casos serão apresentadas formalmente (caso da ISO 17100 e do *EMT Competence Framework*, que será apresentado mais abaixo); as necessidades da indústria; a política institucional; as restrições institucionais, como a legislação ou as regulamentações nacionais; as considerações disciplinares, como as pesquisas e a bibliografia existentes, práticas comuns dos cursos semelhantes, etc.; e, por fim, os próprios perfis dos estudantes. Um dos fatores mais importantes, segundo Kelly, é o contexto sociocultural e institucional em que os cursos são desenvolvidos. Este contexto, muitas vezes, produz e apresenta a descrição realista do que é pedido que um tradutor profissional faça. Este foi um grande ponto de partida para o Espaço Europeu de Ensino Superior no processo de Bolonha, que visa harmonizar o ensino superior europeu, promovendo a mobilidade de estudantes e docentes, e tornando-o mais inclusivo e competitivo. Os países comprometem-se a adotar um sistema de três ciclos (licenciatura, mestrado e doutoramento), a reconhecer qualificações obtidas no estrangeiro e a garantir a qualidade do ensino (Comissão Europeia, 1999).

Neste contexto, a Comissão Europeia criou o *EMT Competence Framework*, do qual o Mestrado em Tradução e Comunicação Multilíngue da Universidade do Minho passou a fazer parte este ano, 2024. O *EMT Competence Framework* (Quadro de Competências do Mestrado Europeu em Tradução), inicialmente publicado em 2009 e atualizado significativamente em 2017, tornou-se uma referência essencial para a formação de tradutores na União Europeia e noutros contextos, tanto no meio académico como na indústria. A sua criação baseia-se nos princípios fundadores do EMT, estabelecidos em 2009 pelo Grupo de Peritos, e incorpora os resultados das investigações sobre tradução e competência tradutória conduzidas pela comunidade académica. Em 2022, foi atualizado para refletir as novas prioridades dos programas de tradução europeus e as mudanças na indústria dos serviços linguísticos, preparando os formandos para um mercado de trabalho altamente dinâmico e tecnologizado. Este quadro visa consolidar e melhorar a empregabilidade dos graduados de mestrados em tradução em toda a Europa.

O quadro assume que os programas de mestrado devem ensinar uma combinação de conhecimento e aptidões, permitindo aos estudantes desenvolver as competências consideradas essenciais para aceder à indústria da tradução e ao mercado de trabalho em geral. Para tal, utiliza conceitos definidos no *European Qualifications Framework*, onde o “conhecimento” é visto como a assimilação de informações, como factos, teorias e práticas; a “aptidão” refere-se à capacidade de aplicar esse conhecimento na execução de tarefas e resolução de problemas; e a “competência” consiste na capacidade comprovada de usar conhecimentos e aptidões, juntamente com capacidades pessoais, sociais e metodológicas, em contextos profissionais e académicos. Estes elementos são fundamentais para que os estudantes alcancem os resultados de aprendizagem, ou seja, o que sabem, compreendem e são capazes de fazer após o processo formativo, garantindo a sua autonomia e responsabilidade no mercado laboral.

O quadro de competências não pretende descrever de forma exaustiva todas as competências e conhecimentos que os graduados em tradução devem adquirir, omitindo, por exemplo, o conhecimento teórico e as competências de investigação incluídas em programas avançados. No entanto, estabelece um conjunto comum de resultados de aprendizagem focado em competências gerais e aptidões específicas, permitindo que os programas incluam outras áreas de conhecimento, conforme as suas particularidades.

O *EMT Competence Framework* define cinco áreas principais de competência que são fundamentais para a formação de tradutores ao nível de mestrado, atendendo às necessidades do mercado profissional e à preparação dos estudantes para os desafios complexos no setor da

tradução. A primeira área, Língua e Cultura (Consciência Transcultural e Sociolinguística e Aptidões Comunicativas), abrange o conhecimento linguístico e cultural necessário para a tradução de nível avançado, incluindo a capacidade de entender variações linguísticas (sociais, geográficas ou históricas) e adaptar-se a estruturas gramaticais e lexicais apropriadas, bem como identificar elementos culturais e valores subjacentes nos textos. O domínio de pelo menos duas línguas de trabalho (nível C1 ou superior no QECR) é um requisito fundamental.

A segunda área, Tradução (Competência Estratégica, Metodológica e Temática), é o centro do quadro e abrange o processo de transferência de significado entre línguas (interlinguística e intralinguística) e inclui as competências metodológicas necessárias para a gestão do processo de tradução. Esta área sublinha também a importância da tradução automática nos fluxos de trabalho atuais, exigindo literacia em TA e uma compreensão das suas limitações e potencialidades.

A terceira área, Tecnologia (Ferramentas e Aplicações), concentra-se no uso da tecnologia no processo de tradução. Esta competência abrange o conhecimento e a aptidão para implementar e aconselhar sobre o uso de tecnologias de tradução, incluindo a tradução automática e o uso de ferramentas de apoio à tradução, assegurando que os tradutores estejam preparados para um ambiente cada vez mais tecnologizado.

A quarta área, Pessoal e Interpessoal, abrange as chamadas “soft skills”, que são fundamentais para a empregabilidade dos tradutores. Estas incluem a capacidade de comunicação, trabalho em equipa, gestão de tempo e resolução de conflitos, áreas que aumentam a adaptabilidade dos graduados num mercado de trabalho dinâmico.

Por fim, a quinta área, Prestação de Serviços, está relacionada com a capacidade de prestar serviços linguísticos num contexto profissional, incluindo a gestão de clientes, negociação de contratos, gestão de projetos e garantia de qualidade. Esta competência reflete a necessidade de os tradutores não só serem competentes no ato de tradução, mas também de estarem cientes dos requisitos dos clientes, comissários e utilizadores, e de prestarem serviços de acordo com os mais altos padrões profissionais e éticos.

Embora as cinco áreas possam ser vistas separadamente, são complementares e igualmente importantes na prestação do serviço de tradução, que constitui o objetivo final deste processo.

2.5. A “dança da agência” e o autoconceito do tradutor

A tradução contemporânea é indubitavelmente uma forma de interação humano-máquina (HCI), definida por Johnson (1992) como “o estudo da interação entre pessoas, computadores e tarefas”. Este campo interdisciplinar combina elementos das ciências, engenharia e arte, com um foco central nas exigências que os computadores impõem ao conhecimento, às tarefas e à aprendizagem dos utilizadores. A HCI não se limita à interface do utilizador de um produto de *software*, mas abrange uma gama mais ampla de interações entre humanos e máquinas.

No domínio da HCI, destacam-se dois conceitos frequentemente utilizados: os fatores humanos e a ergonomia. Os fatores humanos concentram-se na forma como as pessoas interagem com ferramentas e tecnologias, enquanto o termo “ergonomia” se referia, tradicionalmente, à facilidade de uso do hardware, como teclados, mas evoluiu para incluir também a usabilidade de produtos de *software*. Um subdomínio da ergonomia, designado ergonomia cognitiva, aborda as exigências cognitivas impostas aos utilizadores pelo *design* e pela complexidade dos programas de computador.

Sharon O'Brien (2012) aplicou este conceito ao campo da tradução, uma vez que esta depende amplamente de recursos informáticos, tornando-se atualmente uma profissão quase simbiótica com a máquina. A tradução requer uma interação cada vez maior com os computadores, o que tem sido tanto uma facilitadora quanto uma fonte de descontentamento na profissão. Este desenvolvimento trouxe benefícios, mas também desafios significativos, que devem ser o foco de maior discussão e investigação na comunidade tradutória.

As ferramentas tecnológicas, como as memórias de tradução (TM) e a tradução automática (TA), proporcionam benefícios claros em termos de velocidade, qualidade e custo. Para os clientes e utilizadores finais, a rapidez no processamento, através da reutilização de traduções anteriores, e a consistência assegurada, especialmente em domínios técnicos ou especializados, constituem vantagens indiscutíveis. Além disso, a redução de custos associada à reutilização de material traduzido representa um incentivo económico importante.

Para os tradutores, o uso de TM e TA aumenta a produtividade, permitindo-lhes concluir projetos mais rapidamente e concentrar-se em tarefas mais desafiadoras, sem a necessidade de repetição contínua de frases. O acesso instantâneo a ferramentas de gestão de terminologia e a dicionários eletrónicos facilita o processo, enquanto a TA cria novas oportunidades de trabalho,

como a pós-edição e a avaliação de qualidade, expandindo o leque de papéis possíveis para os tradutores.

Contudo, apesar destas vantagens, as desvantagens não devem ser ignoradas. O uso crescente de tecnologias de tradução pode resultar numa desumanização e desvalorização do papel do tradutor. Muitos profissionais sentem-se relegados à função de revisores de erros gerados por máquinas, o que pode desvalorizar a sua perícia e criatividade. Além disso, a pressão para adotar a TA pode conduzir a uma diminuição das tarifas, subvalorizando o trabalho do tradutor. A dependência excessiva de TM pode não só perpetuar erros, mas também limitar a inovação e a originalidade no processo tradutório, tornando-o mais mecânico.

A qualidade e a criatividade, que constituem os pilares fundamentais da tradução humana, também estão em risco. A busca incessante por rapidez e consistência pode suprimir a liberdade criativa dos tradutores, reduzindo o seu papel à correção de erros triviais. A aceitação crescente de uma tradução “suficientemente boa” em detrimento da excelência pode, a longo prazo, comprometer as competências dos tradutores, afetando a qualidade global do serviço de tradução (O'Brien, 2012).

É neste contexto que Öner Bulut (2019) sugere que o tradutor humano já não é o único agente na esfera da tradução, partilhando a agência — a vontade e capacidade de agir (Kinnunen & Koskinen, 2010) — com a máquina, transformando a interação numa verdadeira “dança de agência”. Bulut questiona como devem os formadores de tradutores adaptar-se a esta realidade, tendo conduzido um estudo em 2019 que pretendia explorar a forma como seria possível preparar os futuros tradutores para esta nova dinâmica. Este estudo defende que a redefinição do papel do tradutor humano está intimamente ligada à necessidade de repensar os currículos de formação. Bulut propõe um enfoque na “competência do tradutor humano”, considerando-a como uma nova construção na formação, que vai além das subcompetências tradicionais, como a “competência instrumental” ou a “competência tecnológica”.

A nova perspetiva de Bulut sugere o desenvolvimento de uma “metacompetência de tradução humana”, que não implica a rejeição dos avanços pedagógicos alcançados, mas sim o reposicionamento das competências tradicionais dos tradutores através de uma análise SWOT e da integração de abordagens inovadoras de formação. O autor sugere, por exemplo, que a tradução automática seja integrada na formação o mais cedo possível, de modo a aumentar a consciência dos estudantes sobre os seus papéis atuais e futuros enquanto tradutores humanos. Estes papéis

não se limitarão à pós-edição e pré-edição, podendo, também, incluir a formação de sistemas de tradução automática, a seleção e avaliação de dados e a colaboração com desenvolvedores de MT enquanto especialistas em tradução humana.

Esta consciência levaria os estudantes a entender a necessidade de “aprender a aprender”, tornando-se aprendizes ao longo da vida, para enfrentar os desafios impostos pela TA e, simultaneamente, aproveitar as oportunidades que ela oferece (Bulut, 2019).

Esta nova realidade, em que o tradutor humano partilha a agência com a máquina, não só exige uma reformulação das competências técnicas e teóricas, mas também sublinha a importância de uma autoconsciência profissional. Kiraly (1995) já distinguia os conceitos de competência tradutória e competência do tradutor, associando esta distinção ao seu conceito de “autoconceito profissional”, que considera essencial para os tradutores. Kiraly define o autoconceito como “uma consciência profunda da sua responsabilidade como participantes ativos num processo comunicativo complexo” e “a conceptualização de si próprios enquanto tradutores profissionais”. Andrew Chesterman, no mesmo ano, 1995, apresentou uma abordagem semelhante, argumentando que, além das competências linguísticas, o tradutor profissional deve desenvolver uma autoconsciência enquanto ser humano e membro de uma profissão. Para Chesterman, esta consciencialização deriva do conhecimento teórico, sendo essencial que o tradutor compreenda o que está a fazer, o que lhe confere uma autoconfiança que pode afastá-lo do papel servil que muitas vezes lhe é atribuído.

2.6. *Quo Vadis, interpres?*

Nas últimas décadas, assistiu-se um aumento exponencial do volume de conteúdo digital. Em 2007, a capacidade global de armazenamento de dados era de 264 *exabytes*, (Hilbert & López, 2011, citado por Moorkens, 2020) tendo crescido para 33.000 *exabytes* em 2018, com previsões de atingir 175.000 *exabytes* em 2025 (Reinsel et al., 2018, citado por Moorkens, 2020). Este aumento gerou uma maior quantidade de material para tradução, tanto por tradutores humanos como por máquinas. Contudo, ao contrário do esperado, este cenário não resultou num aumento das remunerações para os tradutores. O clima económico e político, aliado à aplicação de novas tecnologias, tem travado o crescimento dos preços no setor da tradução, com alguns tradutores mais vulneráveis às flutuações do mercado.

O papel do Estado nas economias neoliberais tem vindo a diminuir, colocando maior ênfase na responsabilidade individual pelo bem-estar económico e financeiro (Neff, 2012, citado por Moorkens, 2020), em detrimento da responsabilidade das empresas ou do próprio Estado. Com a redução das barreiras comerciais, os mercados internacionais expandiram-se, e assistimos a uma deslocalização geográfica da produção de bens ao longo de uma “cadeia de valor global”, o que tem originado tendências de intensificação, aceleração e padronização do trabalho (Huws, 2014, citado por Moorkens, 2020). Após a crise económica de 2007–2008, vários países necessitaram de assistência financeira do FMI, algo que exigiu “planos de consolidação fiscal”, impondo restrições nos gastos públicos em relação ao PIB e incentivando a flexibilização das regras de proteção do emprego (Teague, 2016, citado por Moorkens, 2020). Esta situação contribuiu para o crescimento do trabalho contingente em vez de empregos permanentes.

Neste contexto, o número de tradutores tem crescido numa altura em que há uma tendência crescente para o trabalho *freelance* e contingente. Ao facilitar a globalização, a era neoliberal, aumentou a velocidade e a prevalência da comunicação internacional, o que resultou num aumento significativo da procura de material traduzido nos últimos anos. Paralelamente, a dimensão da indústria de serviços linguísticos, segundo a CSA Research (DePalma et al., 2018, citados por Moorkens, 2020), tem aumentado de forma constante. As empresas de tradução tornaram-se dependentes da escalabilidade proporcionada pela subcontratação de tradutores *freelancers*, com a definição de preços para clientes externos baseada no “vendor model”, no qual os tradutores *freelancers* são contratados para projetos específicos, em vez de serem empregados permanentes. Contudo, este modelo não conferiu maior poder ou controlo aos tradutores.

Embora, teoricamente, este modelo seja flexível e económico para os empregadores, oferecendo aos trabalhadores maior autonomia do que trabalhar para um *Language Service Provider* (LSP), na prática, acarreta várias desvantagens. Os tradutores *freelancers* não têm controlo sobre os preços, não interagem diretamente com os clientes, trabalham de forma isolada e sem poder coletivo, o que contribui para menores índices de satisfação laboral e bem-estar. Além disso, assumem responsabilidades e encargos relacionados com o espaço de trabalho, seguros e despesas com aquecimento e iluminação, sem acesso a benefícios como férias pagas, licenças médicas ou pensões (Moorkens, 2020). Este cenário é familiar para muitos tradutores, uma vez que a maioria das agências de tradução atualmente estrutura os seus modelos em torno de redes de produção de *freelancers*, inseridas num setor que é “principalmente digital, terceirizado e com remuneração por projeto” (Dunne, 2012, p. 144, citado por Moorkens, 2020).

Anthony Pym (2000) propõe a existência de três tipos distintos de tradutores, organizados numa estrutura tripartida que resulta da segmentação do mercado global de serviços linguísticos, amplamente influenciada pelo fenómeno da globalização. Pym descreve esta estrutura sob a forma de uma pirâmide social, que compara a estratificação dos tradutores com as classes económicas tradicionais — o proletariado, a classe média/burguesia e os capitalistas —, delineando assim as diferentes posições ocupadas pelos tradutores no mercado de trabalho.

Na base da pirâmide, encontramos a camada mais vulnerável e menos remunerada, ocupada por tradutores que desempenham tarefas pouco qualificadas e frequentemente mal pagas. Este grupo inclui alunos, recém-licenciados, amigos e familiares dos clientes, além de indivíduos que exercem a tradução de forma ocasional ou part-time, sem o devido preparo ou competência técnica. Para muitos destes tradutores, a tradução não é mais do que uma atividade secundária, um “biscate” que lhes permite apenas assegurar a sua sobrevivência, com pouco ou nenhum envolvimento profissional. Esta camada assemelha-se à classe proletária, caracterizada pela baixa remuneração e pela falta de controlo sobre as condições de trabalho.

O segundo nível da pirâmide corresponde a uma camada intermédia, composta por um grupo heterogéneo de tradutores e profissionais de línguas que, em geral, usufruem de um nível de vida mais confortável. Neste grupo incluem-se tradutores literários contratados, freelancers estabelecidos, profissionais assalariados que trabalham em áreas não-técnicas, intérpretes de conferências a tempo parcial, secretárias bilingues e docentes universitários, incluindo professores de tradução. Este segmento, que Pym associa à classe média ou burguesia, possui uma maior estabilidade profissional e um certo reconhecimento social. Além disso, muitos dos tradutores neste grupo têm um nível de realização e consciência profissional superior ao da base da pirâmide, uma vez que trabalham em nichos de mercado que requerem maior qualificação e experiência.

No topo da pirâmide, encontramos um pequeno grupo de tradutores altamente especializados e procurados, cuja remuneração é substancialmente elevada e cuja atividade profissional transcende a tradução tradicional. Estes profissionais trabalham principalmente em áreas como as tecnologias da informação, economia e *marketing*, em contextos multinacionais, sendo responsáveis não só pela tradução, mas também pelo desempenho de outras funções associadas à globalização, que exigem um elevado grau de competências técnicas e especialização. Pym compara este grupo à classe capitalista, pela sua posição privilegiada no mercado e pelo elevado reconhecimento e satisfação profissional que alcançam. Estes tradutores estão inseridos em nichos de mercado que valorizam as suas competências altamente

especializadas, oferecendo-lhes oportunidades de carreira que superam as do resto da pirâmide (Pym, 2000, citado por Alves, 2011) .

Embora esta comparação feita por Pym esteja correta, face à precariedade resultante do *vendor model*/descrito por Moorkens, muitos tradutores já não se enquadram apenas na categoria de proletariado, mas antes no “precariado”, termo cunhado por Guy Standing (2014). Este grupo caracteriza-se por relações de produção distintas, incluindo contratos laborais “flexíveis”, empregos temporários ou trabalho informal, a tempo parcial ou intermitente, frequentemente mediado por agências de emprego. Os membros deste grupo carecem de uma identidade ocupacional estável, e enfrentam a necessidade constante de se requalificarem e procurarem novas oportunidades, o que aumenta a sua vulnerabilidade. Este inclui aqueles que dependem exclusivamente dos seus salários, uma vez que não têm acesso a benefícios não salariais, como pensões, férias pagas ou baixa médica. A perda desses benefícios é frequentemente subestimada nas estatísticas convencionais de rendimento, indicando um aumento significativo da desigualdade de rendimentos. Uma característica notável desta classe é ser a primeira na história a possuir um nível de educação superior às exigências das funções que desempenha. Esta disparidade constitui uma fonte intensa de frustração em termos de status, uma vez que poucos membros do “precariado” conseguem utilizar as suas qualificações educacionais completas nos empregos que ocupam (Standing, 2014).

Daniel Simeoni (1998) defende que, ao longo dos séculos, o *habitus* tradutório — entendido como um sistema de disposições duradouras e transponíveis que integra as experiências passadas de um indivíduo, funcionando como uma matriz através da qual as perceções, apreciações e ações são filtradas, permitindo a realização de uma variedade de tarefas (Bourdieu, 1968, p. 20, citado por Wolf, 2021) — tem contribuído para a internalização de um comportamento submisso, resultando num baixo estatuto social para os tradutores. O autor argumenta que, devido à aceitação contínua e historicamente condicionada das normas por parte dos tradutores, a sua predisposição para acatar essas normativas desempenhou um papel determinante na secundarização da atividade tradutória enquanto tal (Simeoni, 1998, p. 6, citado por Wolf, 2021).

Efetivamente, a questão do status da profissão de tradutor configura-se como um dos fatores que têm contribuído para a degradação das condições de vida dos tradutores, dificultando, assim, a sua melhoria. O artigo de Pym et al. (2016) analisa a desordem no mercado de tradução resultante da transição dos sinais tradicionais de status, que se baseavam em meios impressos e na publicidade feita “de boca em boca”, para os meios digitais. Esta transformação tecnológica

propiciou a de-profissionalização da tradução, evidenciada pela globalização dos contactos entre tradutores e clientes, pelo crescimento da tradução voluntária, pelo acesso gratuito a ferramentas de tradução automática *online* e pela subsequente facilitação do roubo de identidades de tradutores profissionais. Os autores analisam três estudos de caso para ilustrar a desordem no mercado de tradução. O primeiro estudo refere-se ao ProZ.com, plataforma que inicialmente incentivou a concorrência por preços baixos e tradutores não profissionais, mas posteriormente implementou mecanismos como acreditação e verificação de identidade para mitigar esses problemas. O segundo estudo foca-se em comunidades de legendagem colaborativa, como a aRGENTeaM e o GrupoTS, que, apesar do carácter voluntário, desenvolveram estruturas organizacionais e padrões de qualidade semelhantes aos de projetos profissionais. O terceiro caso refere-se ao “Diretório de Burladores de Tradutores”, que documenta roubos de identidade de tradutores, sublinhando a assimetria global no prestígio profissional. Os autores argumentam que, apesar dos avanços, a profissão de tradutor ainda enfrenta desafios significativos, como a fragmentação do mercado e a falta de reconhecimento universal das qualificações académicas, dificultando a obtenção de um estatuto equivalente ao de outras profissões liberais.

A questão do estatuto do tradutor é também abordada por Ruokonen (2013), que investiga o status social da profissão, um tema que, até recentemente, foi relegado a um plano secundário na investigação dos Estudos de Tradução. A autora examina a literatura empírica sobre o status do tradutor, analisando as percepções de prestígio associadas à profissão, os fatores que contribuem para esse status e as estratégias utilizadas pelos tradutores para melhorar a sua posição. Para organizar a sua análise, a autora propõe um quadro baseado nos modelos de investigação de Chesterman (2000), dividindo os estudos em três perspetivas: comparativa, causal e de agência. Na perspetiva comparativa, Ruokonen examina as percepções do status do tradutor em diferentes contextos, comparando-as com as percepções de outras profissões ou grupos dentro da área da tradução. Os estudos nesta área revelam que o status do tradutor é, em geral, percebido como médio ou baixo, tanto por parte dos tradutores como por pessoas externas à profissão. Frequentemente, os tradutores são comparados a secretários, e o seu estatuto é considerado inferior ao dos intérpretes, algo que também abordado em Katan (2017).

A perspetiva causal investiga os fatores que influenciam as percepções de status do tradutor, identificando elementos cruciais como o nível de rendimento, a visibilidade e a educação/especialização. Embora um determinado nível de rendimento seja considerado necessário para um status elevado, este não é suficiente por si só. A visibilidade, tanto física como

profissional, revela-se crucial, com os tradutores que mantêm contacto direto com clientes e colegas a reportarem um estatuto mais elevado. A educação e a especialização, embora reconhecidas pelos tradutores, são frequentemente subestimadas por pessoas alheias à profissão. A perspetiva de agência examina as ações e estratégias utilizadas pelos tradutores e outras entidades para melhorar o status da profissão. Os estudos nesta área demonstram que os tradutores têm empregado uma variedade de estratégias, algumas das quais se revelam mais eficazes do que outras. As estratégias mais bem-sucedidas envolvem uma maior visibilidade fora da profissão e a cooperação com clientes, empregadores e autoridades. A colaboração com associações de tradutores e a participação em iniciativas políticas podem também contribuir para a melhoria do estatuto da profissão.

Por outro lado, Katan (2017) explora a disparidade existente entre a teoria académica da tradução e a prática profissional. Utilizando um questionário global dirigido a tradutores e intérpretes, Katan investiga como a tradução é percebida enquanto profissão e analisa as diferenças entre o que é ensinado nas academias e o que se pratica no mercado. Apesar de a maioria dos tradutores considerar a tradução uma profissão, o seu status social é considerado baixo, frequentemente comparado a funções técnicas ou administrativas, como o secretariado. Esta desvalorização decorre da ausência de regulamentação formal e da concorrência com amadores, como estudantes ou profissionais de outras áreas que oferecem serviços de tradução sem as qualificações adequadas.

Embora os tradutores sintam que controlam o processo de tradução, a sua autonomia é limitada pela falta de influência sobre o produto final. Muitas vezes, os clientes alteram as traduções sem consulta, refletindo um baixo nível de controlo sobre o resultado do trabalho. Além disso, os tradutores manifestam uma forte lealdade ao texto original, priorizando a fidelidade à fonte em detrimento de uma adaptação mais culturalmente mediada. Esta abordagem perpetua a visão da tradução como uma atividade técnica e de cópia, em vez de uma verdadeira mediação cultural.

Katan também destaca a desvalorização da teoria da tradução por parte dos profissionais, que tendem a preferir uma formação mais prática, centrada em estratégias de tradução e ferramentas tecnológicas, considerando a teoria menos relevante para as suas necessidades quotidianas. Esta perceção contribui para que a tradução seja vista como uma ocupação técnica, em vez de uma profissão que exige uma elevada capacidade intelectual. Apesar dos desafios enfrentados, como o baixo status e a falta de reconhecimento profissional, os tradutores revelam um elevado nível de satisfação com o seu trabalho, que se relaciona com a sua paixão pelas línguas

e o prazer encontrado no processo de tradução. Para fortalecer a profissão, argumenta que é necessário aproximar a teoria da prática profissional, reformulando a teoria da tradução para torná-la mais aplicável ao dia-a-dia dos tradutores, bem como promover normas de qualidade e uma maior regulamentação da profissão, essenciais para o reconhecimento das competências especializadas dos tradutores.

Para além das sugestões destes autores, várias medidas podem ser adotadas para maximizar a agência do tradutor e, conseqüentemente, melhorar a sua qualidade de vida. A nível individual, é essencial que os tradutores desenvolvam continuamente novas competências. O domínio das ferramentas tecnológicas de tradução, incluindo a compreensão dos formatos de dados utilizados e do estatuto legal da propriedade dos dados, é crucial para garantir a sua relevância no mercado. Kiraly (2000, citado por Moorkens 2017) sublinha a importância da aprendizagem ao longo da vida, permitindo que os tradutores se adaptem de forma dinâmica às constantes mudanças na profissão.

Adicionalmente, Katan (2016, citado por Moorkens, 2017) sugere que os tradutores se desvinculem de trabalhos insatisfatórios e se concentrem na transcrição, uma área menos suscetível à substituição por máquinas. Esta abordagem não apenas proporciona reconhecimento profissional pelo seu papel criativo, mas também permite que se dediquem a trabalhos mais gratificantes e que maximizem as suas tarifas. Além disso, é vital que os tradutores adotem uma estratégia ao aceitar apenas projetos que correspondam às suas competências, garantindo uma remuneração justa. A redução da qualidade do trabalho ou a aceitação de condições precárias, conforme revelado por Abdallah (2010, citado por Moorkens, 2017), pode resultar em consequências adversas para a profissão. Assim, a autovalorização e a seleção consciente dos projetos são fundamentais.

No que respeita a soluções coletivas, a crescente preocupação com os direitos dos trabalhadores contingentes tem impulsionado iniciativas significativas. Um exemplo disto é a emenda legislativa na Irlanda (2016/17), que visa proteger os freelancers e permitir a negociação coletiva. Nos Estados Unidos, acordos de negociação coletiva para trabalhadores contingentes estão em vigor no estado de Washington desde 2013. No sector da tradução, a Carta do Tradutor da Federação Internacional de Tradutores (1963/1994) e a Recomendação da UNESCO sobre a proteção jurídica dos tradutores (1976) recomendam a equiparação salarial dos tradutores a outras profissões. Embora pequenas vitórias tenham sido alcançadas, como os acordos entre tradutores

literários italianos e editoras independentes em 2016, e o acordo coletivo para intérpretes no estado de Washington, melhorias substanciais continuam a ser um desafio (Moorkens, 2017).

Berardi (2015, p. 329) ressalta que a “auto-organização dos trabalhadores cognitivos” tem falhado em grande parte devido à precariedade e à globalização, que comprometem a solidariedade social necessária para uma organização autónoma. Abdallah e Koskinen (2007, citado por Moorkens, 2017) notam um crescente clima de desconfiança entre clientes e tradutores, dificultando a interação e a organização através das redes sociais. Portanto, é fundamental que os tradutores se esforcem para fortalecer associações profissionais e explorem oportunidades de negociação coletiva, promovendo uma abordagem unificada diante da pressão global por reduções de preço.

III. Contextualização do estágio

3.1. Apresentação da entidade de acolhimento

A L10N é uma empresa de tradução e outras soluções linguísticas, com sede em Lisboa, fundada em 2009. A empresa é certificada pela norma ISO 17100 e destaca-se pela produção anual de aproximadamente 18.000.000 palavras traduzidas em 120 idiomas. A L10N atua em diversos setores, tais como saúde, indústria, *marketing*, finanças, direito, IT & *software*, bem como *e-learning* e formação.

Para além de oferecer serviços de tradução especializada, a L10N proporciona soluções de localização, legendagem, transcrição, gestão terminológica, *marketing* multilingue (SEO, transcrição e *copywriting*) e tecnologia (DTP e tradução automática). O principal objetivo da empresa é ajudar outras empresas e marcas a vencer nos mercados internacionais, adaptando a sua comunicação às necessidades dos seus clientes em todo o mundo. Este compromisso é refletido no seu slogan “making translation invisible”, uma alusão à teoria de Alexander Fraser Tytler (1791) que definia uma boa tradução como aquela que reflete o mesmo tom, ideia, fluência e naturalidade do texto original, e no mote “eficiência, fiabilidade e foco no cliente”. Conforme destacado no seu website, “é incalculável o preço da fiabilidade e do conhecimento”. Ou seja, trata-se de uma entidade cujo objetivo é atuar nos “bastidores” das operações dos seus clientes, traduzindo os seus conteúdos com o rigor e o conhecimento especializados exigidos no domínio da tradução técnica e especializada, assegurando sempre a fidelidade à mensagem original do cliente e respetivos objetivos.

Relativamente à sua estrutura organizacional, a L10N conta com uma equipa interna composta por seis gestores de projeto, um líder de equipa, um responsável pela qualidade e recursos humanos, um responsável de *marketing*, um responsável de vendas, sete linguistas internos e o CEO. Esta equipa multidisciplinar colabora para garantir a máxima eficiência e qualidade nos serviços prestados, sempre com um foco constante na satisfação do cliente.

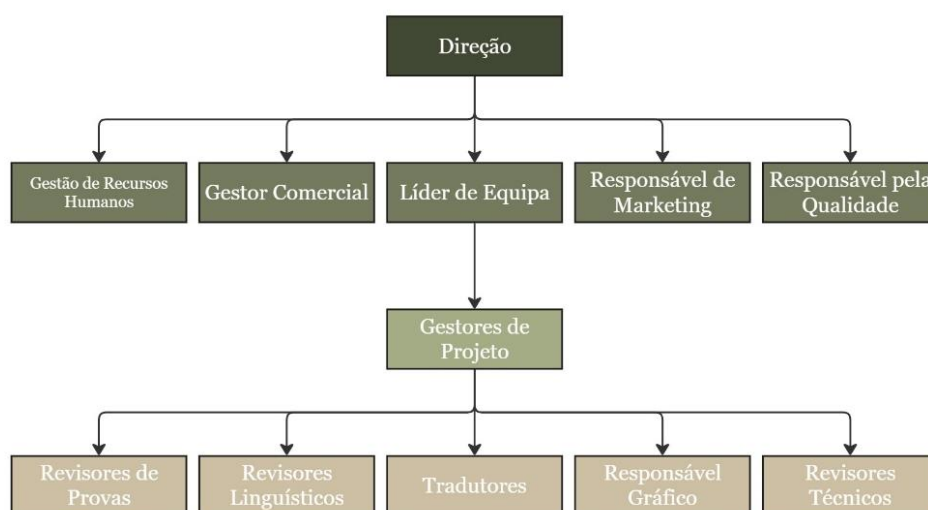


Figura 1 - Organograma da L10N (Elaboração Própria)

3.2. Detalhes do estágio

O estágio curricular descrito neste relatório decorreu entre 5 de fevereiro e 31 de maio, com uma duração total de três meses e 24 dias. O horário de expediente estabelecido foi das 9h às 18h, com uma pausa para almoço das 13h às 14h, de segunda a sexta-feira. Todas as atividades foram realizadas remotamente, utilizando o ambiente de trabalho remoto fornecido pela empresa.

Durante este período, a estagiária esteve sob a orientação de Ana Rita Canteiro, uma das gestoras de projeto da empresa, com quem comunicava regularmente via Skype, assim como com o resto da equipa. Realizavam-se videochamadas esporádicas para fazer o ponto de situação.

O principal enfoque do estágio foi a execução de projetos de tradução técnica e especializada em diversas áreas, envolvendo tradução e pós-edição, predominantemente do inglês para o português, com alguns projetos franceses ao longo do percurso, embora em quantidade reduzida devido à menor afluência de trabalho nesse par linguístico.

No âmbito das atividades realizadas, foi possível experimentar um pouco de todos os domínios abrangidos pela empresa, utilizando uma grande variedade de CAT Tools.

Abaixo, segue uma cronologia que aponta os acontecimentos mais significativos, do período pré-estágio ao pós-estágio:

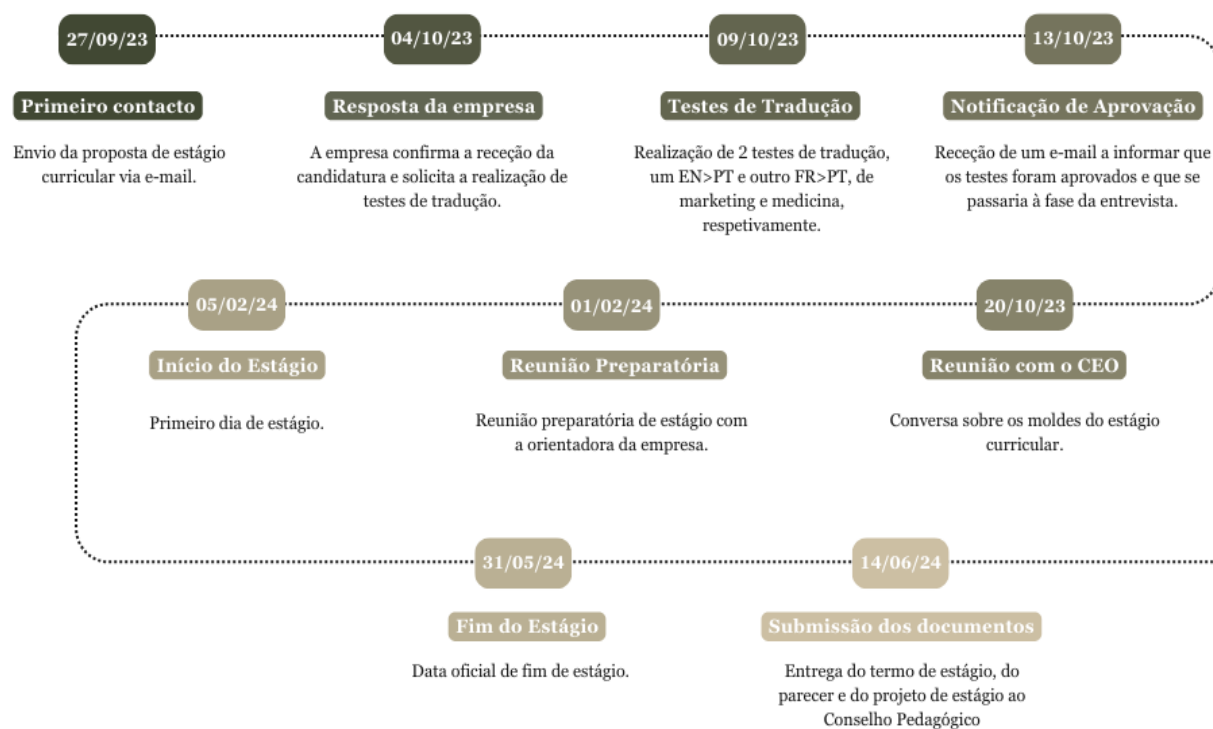


Figura 2 - Cronologia do Estágio (elaboração própria)

3.3. Fluxo de trabalho

O fluxo de trabalho adotado pela L10N para os seus projetos de tradução é metodicamente estruturado com o propósito de garantir eficiência e qualidade em todas as etapas do processo. Este fluxo pode ser dividido em várias fases distintas que se complementam para assegurar um produto final de alta qualidade.

O processo inicia-se com a preparação do projeto, onde o gestor de projetos estabelece o contato inicial com o cliente. Durante esta fase, são analisados os requisitos do projeto, negociados os detalhes relacionados com o preço e definido o calendário de execução. É nesta etapa que se estabelece a base sobre a qual todo o trabalho subsequente será desenvolvido.

Na fase seguinte, a tradução, o gestor de projetos disponibiliza ao(s) tradutor(es), através da plataforma Plunet, os recursos essenciais para a execução do trabalho fornecidos pelo cliente.

Estes incluem glossários, guias de estilo, memórias de tradução, instruções (*translation briefs*) e outros documentos de referência como imagens, vídeos, versões anteriores do documento, entre outros. Utilizando uma CAT Tool apropriada, o tradutor realiza a tradução do texto, assegurando a fidelidade ao *briefing* fornecido e mantendo a consistência e precisão terminológica com base nos recursos disponibilizados.

Após a conclusão da tradução, o projeto avança para a fase de revisão, onde o tradutor realiza a correção linguística do(s) documento(s), utilizando o corretor do Microsoft Word e verificando a terminologia, consistência, pontuação e formatação, através de ferramentas de *software* para QA, como o Verifika.

Por fim, o tradutor finaliza o projeto e realiza a entrega através da plataforma Plunet, seguindo os protocolos específicos para cada tipo de ferramenta de tradução utilizada. Esta etapa pode incluir a submissão de documentos adicionais como notas de entrega e *queries*. “Query” refere-se a uma pergunta, dúvida ou solicitação de esclarecimento feita pelo tradutor, revisor ou outro profissional envolvido no processo de tradução. Essas *queries* podem surgir quando há ambiguidades, termos técnicos não esclarecidos, partes do texto original que não são claras o suficiente para serem traduzidas com precisão, ou outras questões que precisam de ser resolvidas para garantir a qualidade e a exatidão da tradução final. As *queries* são normalmente documentadas e tratadas pelo gestor de projetos ou pela equipa responsável e enviadas para o cliente a fim de garantir que todas as questões sejam resolvidas de maneira satisfatória antes da conclusão do projeto.

Durante todo o processo, os gestores de projetos desempenham um papel central na coordenação e na garantia de que todos os passos sejam seguidos de acordo com as expectativas dos clientes e os padrões de qualidade da empresa. Esta abordagem estruturada não só facilita a gestão eficiente dos projetos de tradução, como também promove a colaboração entre os membros da equipa, resultando em traduções de alta qualidade que satisfazem plenamente as necessidades e expectativas dos clientes da L10N.

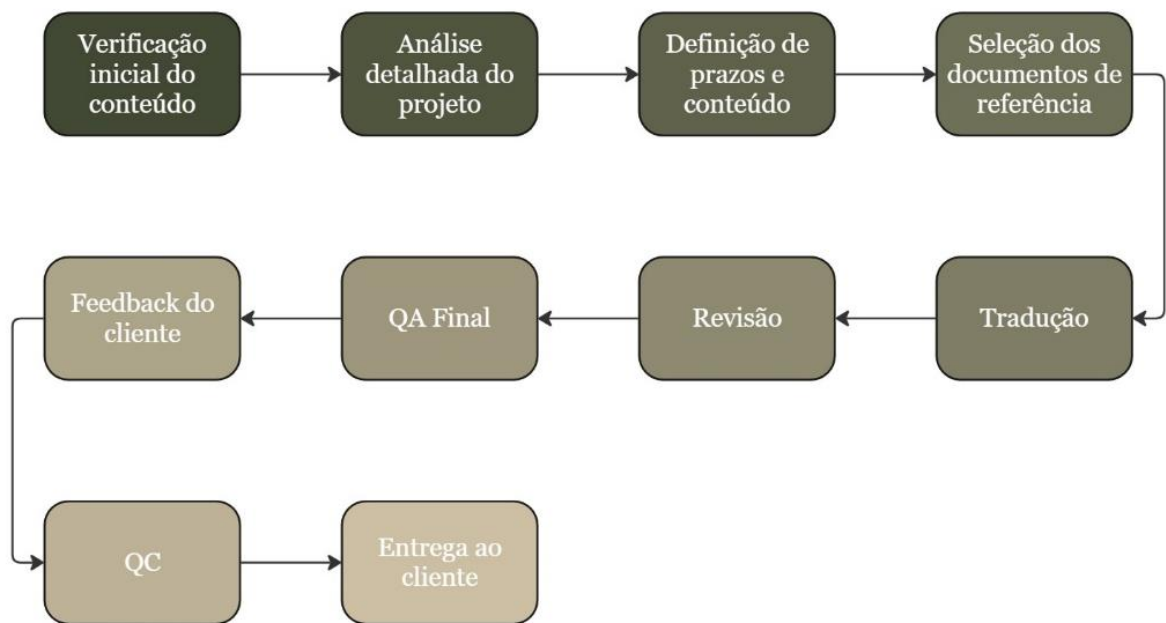


Figura 3 - Fluxo de trabalho na L10N (Elaboração Própria)

IV. Dados dos projetos

4.1. Dados gerais

Durante o estágio, a estagiária participou na execução de um total de 247 projetos. Destes, os primeiros 11 foram “dummies”, ou seja, documentos fictícios criados para familiarizar os novos membros da equipa com os processos e ferramentas da empresa, simulando condições reais de trabalho. Todos os projetos tiveram como língua de partida o inglês, à exceção de 6 projetos, cujo texto de partida era em língua francesa.

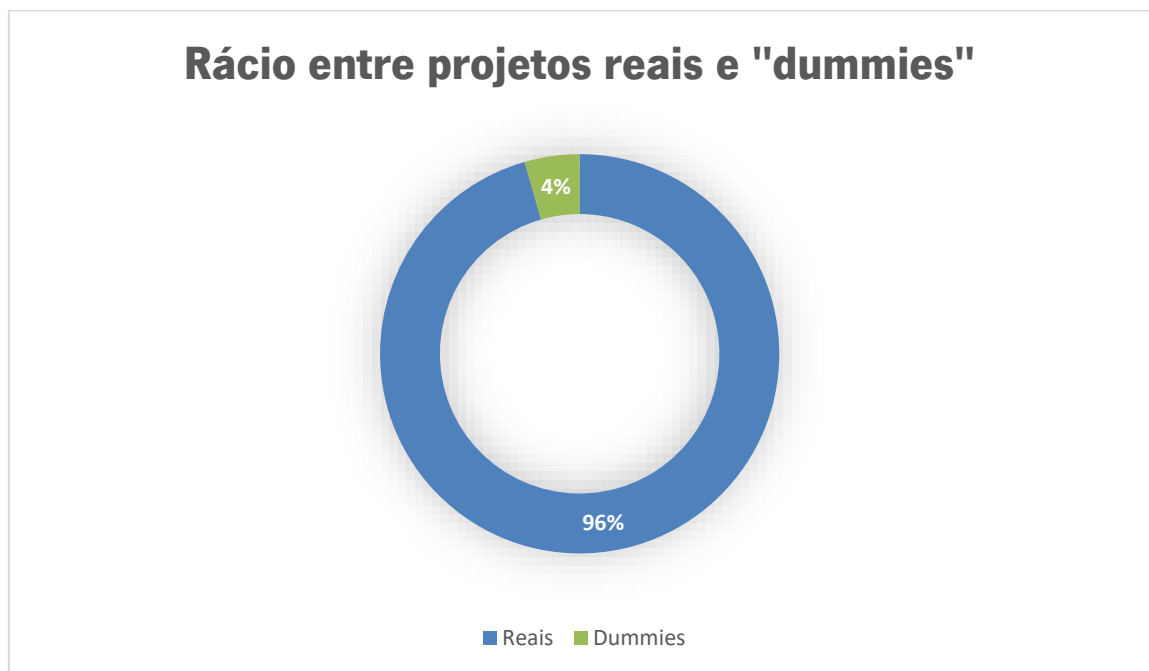


Gráfico 1 - Rácio entre projetos reais e “dummies” (Elaboração Própria)

Rácio entre pares linguísticos

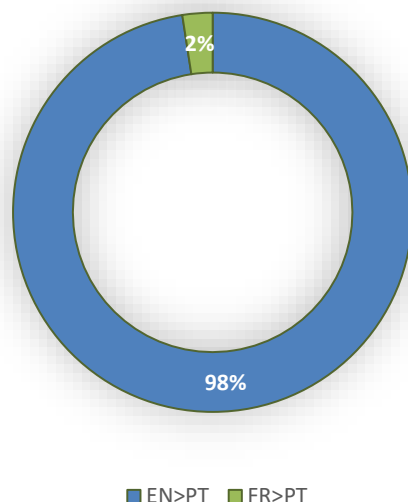


Gráfico 2 - Rácio entre pares linguísticos (Elaboração Própria)

Durante o estágio, as atividades concentraram-se em três áreas principais: tradução especializada, tradução técnica e localização.

A tradução especializada, entendida como a tradução dos campos de conhecimento específico que se enquadram na tradução não-literária (Gotti & Sarcevic, 2007), envolveu a tradução de textos pertencentes a domínios específicos, como ciência, tecnologia, economia, *marketing* e direito. Este tipo de tradução exigiu um conhecimento aprofundado tanto da língua de origem quanto do tema abordado, para assegurar a precisão e a fidelidade do conteúdo original. Exemplos práticos incluíram a tradução de relatórios técnicos e documentos de *marketing*, onde a compreensão da terminologia e do contexto era essencial para a qualidade do trabalho.

A tradução técnica, entendida como a tradução de documentos que contêm informações especializadas, com foco na clareza e na precisão técnica (Byrne, 2006), focou-se na tradução de documentos com informações especializadas, como manuais, guias de utilizador e especificações técnicas. Entre outros aspetos, a clareza e a precisão foram cruciais para garantir que as instruções fossem compreensíveis e eficazes para os utilizadores finais. Esta área de trabalho é enriquecida pela aplicação de princípios de engenharia de usabilidade e comunicação técnica, com o objetivo de melhorar a acessibilidade e a eficácia comunicativa dos textos traduzidos.

Por fim, a localização, que se refere ao processo de adaptação de um produto de forma a torná-lo linguisticamente e culturalmente adequado ao público-alvo da região ou país onde será utilizado e comercializado (*locale*) (Esselink, 2000), esteve diretamente associado à tradução e adaptação de *software*. Este processo incluiu a interface de utilizador (UI) e toda a documentação associada, como ficheiros de ajuda e mensagens de erro. A localização de *software* exigiu especial atenção a elementos como menus, botões, notificações e outros componentes da UI, de modo a assegurar uma experiência de utilizador fluida e intuitiva.

As três áreas mencionadas convergiram frequentemente nos projetos realizados, refletindo a necessidade das empresas de traduzir e localizar uma vasta gama de conteúdos com funções distintas. Estes conteúdos abrangem desde materiais para uso interno e conteúdos de *marketing* destinados a atrair novos clientes, até informações direcionadas ao utilizador final. A variação na função e no público-alvo dos textos acaba por ter um impacto direto no tom e no estilo da linguagem utilizada, no grau de especialização ou tecnicidade exigido, e no meio mais adequado para alcançar o destinatário.

Desta forma, é natural que as áreas de tradução técnica e especializada se entrelacem, especialmente com a crescente digitalização dos negócios que torna a localização de *websites* e *software* cada vez mais interligada com essas áreas. Isto porque as empresas dos setores especializados precisam de manter uma presença *online* eficaz para alcançar audiências internacionais, o que exige uma combinação precisa de rigor técnico e adaptação cultural em todos os tipos de conteúdo. Esta integração é fundamental para garantir uma comunicação global eficaz e adaptada às necessidades de cada mercado.

4.2. Tipos de tarefa

É também relevante mencionar que este estágio não se limitou exclusivamente a tarefas de tradução, embora estas tenham constituído a sua maioria. O escopo das atividades abrangeu uma variedade de funções que contribuíram para um desenvolvimento profissional abrangente e para uma compreensão mais aprofundada do setor. Essa diversidade reflete a crescente polivalência exigida aos tradutores no mercado de trabalho atual, onde competências como a revisão e edição de textos são essenciais para garantir a qualidade e a consistência do conteúdo.

A seguir, apresentam-se os tipos de tarefas realizadas, acompanhados de informações relevantes para contextualizar cada uma, dentro do respetivo ambiente de trabalho:

- **Tradução:** Foi a tarefa predominante durante o estágio. Atualmente, o processo de tradução é invariavelmente assistido por CAT Tools, uma prática que se estabeleceu como norma no campo da tradução, com o uso de *software* especializado, sendo essencial para garantir a eficiência e a precisão do trabalho. Em muitos projetos, a escolha da CAT Tool era definida pelo cliente, alguns dos quais dispunham das suas próprias ferramentas e ambientes na nuvem, onde se traduziam e geriam os projetos. O processo de tradução beneficiava frequentemente de recursos fornecidos pelo cliente, como glossários específicos, memórias de tradução e documentos de referência, sempre que estes se encontravam disponíveis. A integração com CAT Tools assegurou um elevado nível de consistência e conformidade com as exigências, especificações e terminologias específicas de cada cliente.
- **Pós-edição:** Cada vez mais comum no mercado da tradução pelo seu baixo custo, entre outros fatores, a pós-edição efetuada durante o estágio consistiu na revisão, edição e melhoria de uma tradução previamente feita por um motor de tradução automática.
- **Revisão de texto:** Foi uma tarefa menos frequente, mas igualmente importante, focada na correção de traduções concluídas para garantir precisão e ausência de erros. Este processo é essencial para assegurar que o texto final esteja em conformidade com os padrões de qualidade esperados e reflita fielmente o conteúdo do texto original.
- **Transcrição:** Esta tarefa foi solicitada apenas algumas vezes. Consistiu sempre na transcrição de texto presente em imagens, como rótulos e embalagens, para documentos Word. Este procedimento permitiu que o texto fosse posteriormente importado e traduzido utilizando CAT Tools.
- **Criação de glossários:** Uma tarefa relativamente rara durante o estágio, a criação de glossários consistiu na extração de termos oriundos de traduções já aprovadas, com o objetivo de compilar esses mesmos termos em tabelas Excel. Estes glossários, bilíngues e desprovidos de definições, continham apenas os termos e as suas respetivas traduções. Posteriormente, essas tabelas poderiam ser utilizadas como bases de dados terminológicas (*Term Bases*), passíveis de serem importadas para CAT Tools, a fim de auxiliar no processo de tradução de projetos futuros.

A diversidade de atividades descritas evidencia a necessidade de uma abordagem multifacetada para responder às exigências crescentes da indústria, que vão além da simples tradução de textos. Este conjunto de tarefas proporcionou uma experiência prática abrangente que contribuiu significativamente para o desenvolvimento de várias competências. No âmbito das competências linguísticas, destaca-se a capacidade de compreensão e análise de textos, a redação e a identificação de elementos culturais. Nas competências específicas da tradução, incluem-se a escolha adequada de estratégias para o texto de chegada, a implementação das especificações do cliente (*translation brief*), a aquisição de conhecimento específico do domínio (conceitos, terminologia e fraseologia) e a fundamentação apropriada das escolhas de tradução. Relativamente às competências tecnológicas, sublinha-se o domínio das ferramentas e recursos necessários para todas as fases do processo tradutório, a utilização eficaz de motores de pesquisa, e o processamento e gestão de ficheiros no fluxo de trabalho.

Para além das competências inerentes à tradução, as tarefas realizadas contribuíram também para a aquisição de competências pessoais e interpessoais, frequentemente referidas como “soft skills”. Estas incluem a gestão do tempo, o cumprimento de prazos, a capacidade de lidar com o stress, e a adaptação ao ambiente de trabalho, tanto a nível psicológico quanto ergonómico e organizacional. Todas estas competências integram a competência de prestação de serviços que, de forma geral, abrange todas as questões relacionadas com as necessidades da profissão, do mercado e da indústria.

4.3. Domínios e tipologias textuais

A tradução especializada distingue-se pela necessidade de trabalhar com uma vasta gama de domínios e tipologias textuais, exigindo uma constante adaptação a diferentes áreas temáticas — como o direito, a tecnologia, a ciência ou as finanças — cada uma com as suas próprias especificidades terminológicas e contextuais. Esta diversidade de domínios e tipologias textuais, que abrange uma ampla gama de documentos, desde manuais técnicos detalhados até complexos contratos jurídicos e relatórios científicos, impõe ao tradutor uma abordagem não apenas flexível e meticulosa, mas também profundamente adaptativa e rigorosa, capaz de responder às nuances específicas de cada texto.

Durante o estágio curricular, o cruzamento entre estes diferentes domínios especializados, bem como entre as múltiplas tipologias textuais — basicamente definidas como a classificação dos textos com base nas suas características estruturais, funcionais e linguísticas — revelou-se frequente. Esta interseção contribuiu para a diversificação dos projetos, mesmo quando os temas e domínios se repetiam, tornando o processo de tradução, e a própria rotina de trabalho, mais dinâmicos e estimulantes. Este dinamismo deve-se, em grande parte, à natureza do conteúdo empresarial, que abrange uma variedade substancial de textos e temas para atender às distintas necessidades das empresas. Um exemplo claro disto são os projetos nos domínios da medicina ou da agricultura, que, apesar da sua especialização, podem envolver textos de *marketing* que requerem uma abordagem mais criativa e, conseqüentemente, uma maior criatividade por parte do tradutor.

Nesta subsecção, serão apresentados os domínios e tipologias textuais explorados ao longo do estágio, com o intuito de destacar a ampla diversidade de projetos realizados. É importante esclarecer que as subsecções referentes aos projetos e seus respetivos dados serão tratadas de forma geral. Isso ocorre não apenas pela dificuldade em selecionar trechos específicos entre centenas de projetos, mas também porque o foco deste relatório não é exclusivamente o estágio. Em vez disso, os projetos servem como ilustração prática e extensão do enquadramento teórico que norteia o documento.

4.3.1. Domínios

No gráfico abaixo, é possível observar a distribuição percentual dos domínios especializados dos projetos. Os nomes das categorias apresentadas são originários da plataforma Plunet, onde, para cada projeto, um gestor de projetos identificava o domínio principal. Utiliza-se o termo “principal” porque, como já foi mencionado, muitos projetos podem abranger características de vários domínios, podendo assumir um carácter híbrido.

Rácio dos domínios dos projetos

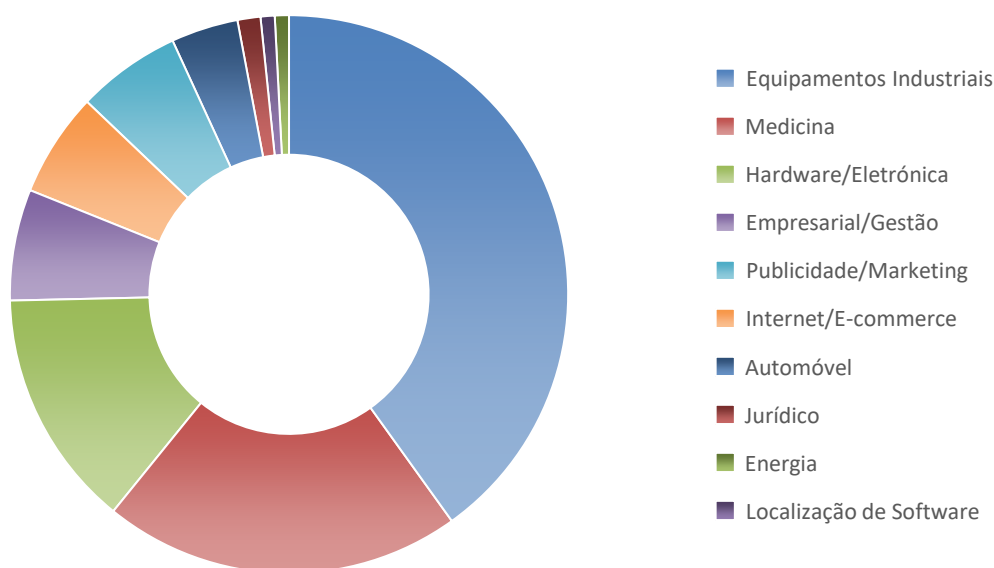


Gráfico 3 - Rácio de domínios especializados (Elaboração Própria)

A análise do gráfico circular revela que o domínio de Equipamentos Industriais é o mais predominante, abrangendo 39,20% dos projetos. Este domínio inclui subdomínios como agricultura, jardinagem, infraestruturas, equipamentos de movimentação e armazenamento, segurança, maquinaria pesada, automatização e controlo, processamento de materiais, e sistemas de energia e potência, entre outros.

O segundo maior domínio, Medicina, corresponde a 20,30% dos projetos, abrangendo áreas como investigação médica, tecnologias de informação para a saúde, materiais e dispositivos de cirurgia, e equipamentos de laboratório.

O domínio de *Hardware*/Eletrónica, com 13,50% dos projetos, engloba dispositivos e componentes eletrónicos, eletrodomésticos, sistemas embutidos, dispositivos de comunicação, IoT (Internet das Coisas), *hardware* de áudio e vídeo, tecnologias de armazenamento, sistemas de segurança eletrónica, infraestrutura de TI, *racks*, estações de trabalho e mobiliário de TI.

O domínio Empresarial/Gestão, representando 6,30% dos projetos, inclui subdomínios como gestão estratégica (análise de mercado, planeamento estratégico, inovação) e gestão de operações (logística, produção, gestão da cadeia de abastecimento, melhoria de processos).

Publicidade/*Marketing*, com uma representação de 5,90%, inclui subdomínios como publicidade tradicional, *marketing* digital, *e-mail marketing*, *branding*, estratégias de posicionamento, *marketing* de conteúdo e *marketing* de produtos.

O domínio de *Internet/E-commerce*, igualmente com 5,90%, abrange projetos de localização de *websites* e plataformas de comércio eletrónico, carrinhos de compras, sistemas de pagamento, gestão de relacionamento com o cliente e suporte de apoio ao cliente, gestão de produtos e catálogos *online*, *marketing* de afiliados e parcerias, UX/UI, e políticas de trocas e devoluções.

No setor Automóvel, que representa 3,80% dos projetos, estão incluídos subdomínios relacionados ao fabrico, produção, desenvolvimento, segurança e *marketing* de veículos, bem como serviços de *renting*, *leasing*, assistência técnica, manutenção preventiva e reparos.

O domínio Jurídico, com 1,30%, compreende projetos que incluem documentos societários, propriedade intelectual, regulamentação e *compliance*, documentos de seguros, políticas de privacidade e proteção de dados, e regulamentos de saúde e segurança.

O setor de Energia/Produção de Eletricidade/Petróleo e Gás, representando 0,80%, envolve contratos de exploração e produção, acordos de fornecimento e transporte de energia, relatórios ambientais e de sustentabilidade, acordos de compra de energia (PPA) e regulamentação de energia renovável.

Por fim, o domínio de Localização de *Software*, também com 0,80%, cobre a tradução e adaptação de interfaces de utilizador, ajuda *online* e documentação, mensagens de sistema e erro, conteúdos de *e-learning*, localização de jogos eletrónicos, aplicativos móveis, plataformas de comércio eletrónico e *marketplaces*, e *software* de automatização industrial e IoT.

Embora cada projeto tenha sido categorizado num único domínio “principal”, é importante destacar que muitos projetos combinam características de múltiplos domínios. Contudo, devido à metodologia de classificação do Plunet, que permite a escolha de apenas um domínio para descrever cada projeto, os outros domínios envolvidos tendem a ser sub-representados nas percentagens. Isto implica que domínios com percentagens menores, como Localização de *Software*, Publicidade/*Marketing* ou Jurídico, estão frequentemente presentes em projetos de domínios com percentagens mais elevadas, como Equipamentos Industriais ou Medicina, acabando por estar interrelacionados. Esta interseção entre domínios sugere que, embora a categorização única ofereça uma visão geral, não reflete plenamente a complexidade e diversidade dos projetos analisados.

4.3.2. Tipologias textuais

Após a análise dos domínios, segue-se a exploração das diversas tipologias textuais encontradas nos projetos no decurso do estágio. Esta abordagem será, mais uma vez, essencialmente genérica, tendo em conta o elevado número de projetos realizados e a impossibilidade de os analisar de forma individual. No entanto, num esforço para tornar esta subsecção um pouco mais rica, aplicar-se-á o trabalho de Katharina Reiss (1976) relativo às tipologias textuais.

Embora se trate de uma referência considerada datada aos olhos de muitos estudiosos, esta continua a ser o modelo vigente nas mentes dos estudantes de tradução pela sua clareza, simplicidade, aplicabilidade e visualidade, revelando uma inegável utilidade prática, do ponto de vista metodológico e conceptual.

Para providenciar algum contexto, as ideias de Katharina Reiss relativamente às tipologias textuais foram desenvolvidas na década de 1970, fundamentando-se no conceito da equivalência, que procura estabelecer uma relação de sentido entre o texto de partida e o texto de chegada, mas defendeu que o texto, e não apenas a palavra ou a frase, deve ser considerado o nível em que a comunicação é alcançada e onde a equivalência deve ser procurada. Reiss propôs uma tipologia textual baseada na categorização das três funções da linguagem estabelecidas pelo linguista alemão Karl Bühler (1934). No seu trabalho, Bühler divide as funções da linguagem em três categorias: função informativa, função expressiva e função apelativa. Reiss adapta o método classificatório de Bühler, relacionando essas funções às suas respetivas dimensões linguísticas e aos tipos de texto ou situações comunicativas em que são utilizadas. Assim, a autora distingue quatro tipos principais de textos: informativo, expressivo, operativo e audiovisual.

As principais características de cada tipo textual são resumidas por Reiss da seguinte forma:

- **Texto Informativo:** Comunicação simples de factos — abrange informação, conhecimento, opiniões, etc. A dimensão linguística utilizada para transmitir a informação é a lógica ou referencial, com o conteúdo a ser o foco principal da comunicação.

- **Texto Expressivo:** Composição criativa — o autor utiliza a dimensão estética da linguagem. O autor encontra-se em primeiro plano, assim como a forma da mensagem (estilo).
- **Texto Operativo:** Apelo/Instrução — a função apelativa visa persuadir o leitor a agir de determinada forma, como comprar um produto (no caso de um anúncio) ou concordar com um argumento (num discurso político ou numa alegação final de um advogado). A forma da linguagem é dialógica e o foco é apelativo.
- **Textos audiovisuais:** Incluem filmes e anúncios visuais e orais que complementam as outras três funções com imagens, música, etc.

Contudo, assim como no caso dos domínios anteriormente apresentado, os tipos textuais são categorizados de acordo com a sua função principal. Alguns textos não se encaixam num único tipo textual; um texto de partida pode ser, por exemplo, expressivo sob uma perspetiva e operativo sob outra. Esses textos que pertencem, simultaneamente, a mais do que um tipo textual são chamados de tipos híbridos. No entanto, de acordo com Reiss (1989), embora diferentes funções possam existir em simultâneo num texto ou em diferentes fases do texto, há sempre uma determinada função dominante.

Tendo em conta a diversidade de projetos abordados ao longo do estágio, torna-se necessário identificar as tipologias textuais mais recorrentes. A pirâmide que se segue, inspirada no diagrama proposto por Katharina Reiss em 1976, não só ilustra as principais categorias textuais conforme descritas por Reiss, mas também mapeia os exemplos predominantes das tipologias encontradas durante o estágio. Esta representação gráfica, adaptada ao contexto e experiência individuais, serve como uma síntese geral, refletindo a multiplicidade de tipos textuais trabalhados e a forma como estes se relacionam com as três funções linguísticas — informativa, expressiva e operativa. Deste modo, é possível obter uma visão mais clara e objetiva das funções textuais mais comuns nos projetos realizados, mesmo sem uma análise detalhada de cada um.



Figura 4 - Diagrama das Tipologias Textuais (Elaboração Própria)

Este diagrama tem como objetivo apresentar, de forma visual, os tipos de texto mais frequentemente trabalhados durante o estágio curricular, posicionando-os na pirâmide de acordo com as suas características, que variam em função da sua proximidade ou afastamento dos vértices — expressivo, informativo e operativo. Tal disposição não apenas facilita a visualização do carácter híbrido de alguns tipos de texto, como também oferece uma perspetiva sobre as tendências dos textos abordados, bem como a sua variabilidade contextual.

Na análise do diagrama, observa-se que, no topo da pirâmide, na zona mais informativa, se encontram os Artigos Técnicos e os Estudos Médicos. Estes textos representam a expressão máxima da função informativa, caracterizando-se por um elevado grau de precisão e detalhe. A sua principal função é a transmissão de conhecimentos especializados, sendo, portanto, essencialmente informativos, com pouca ou nenhuma intenção expressiva ou operativa.

Descendo na dimensão informativa e aproximando-se da operativa, situam-se os Termos e Condições e os Catálogos de Produtos. Embora ainda apresentem um elevado conteúdo informativo, estes textos possuem também uma função operativa, orientando o comportamento do leitor, seja no cumprimento de obrigações contratuais, seja na aquisição de produtos.

Mais próximos do vértice operativo, encontram-se os Manuais e Guias Técnicos — como manuais de utilizador, especificações técnicas de produtos e instruções de operação e funcionamento. Estes textos distinguem-se por assumirem uma forte componente instrucional, sendo predominantemente operativos, dado que o seu objetivo principal é guiar o utilizador na execução de tarefas específicas, embora mantenham também um carácter informativo.

No centro da pirâmide, representando um equilíbrio entre as dimensões informativa e expressiva, está o Comunicado Empresarial (documentos utilizados para uso interno) — que abrange resultados financeiros, fusões e aquisições, mudanças na gestão, estratégias, lançamentos de produtos e sustentabilidade. Este tipo de texto não só transmite informações corporativas, como também pode refletir a identidade e os valores da empresa, incluindo elementos expressivos, como frases motivacionais destinadas aos funcionários.

Um pouco abaixo, localiza-se o Conteúdo de *E-learning*, que inclui jogos, questionários e apresentações de cenários hipotéticos. Embora contenha elementos informativos e instrucionais, incorpora frequentemente aspetos expressivos com o objetivo de captar a atenção do leitor através de uma abordagem mais interativa e criativa.

Situado na interseção entre as dimensões expressiva e operativa, encontra-se o Material de *Marketing* e Publicidade — como brochuras, campanhas, anúncios e e-mails de *marketing*. Este tipo de texto utiliza uma linguagem criativa e apelativa para persuadir e influenciar o comportamento do público-alvo, combinando uma função expressiva, que visa cativar emocionalmente o consumidor, com uma componente operativa, que orienta as decisões de compra.

As Interfaces de Utilizador (UI), que se referem a todos os elementos visuais e interativos com que o utilizador final interage em cada momento da utilização de uma aplicação, website ou qualquer produto digital, como, por exemplo, ícones, botões e menus, embora predominantemente operativas, também apresentam uma componente expressiva. A experiência do utilizador é frequentemente otimizada através do design e da linguagem utilizados, melhorando a interação com sistemas e ferramentas digitais. Neste caso, o processo utilizado é a localização, que vai além da tradução de texto e envolve a adaptação cultural desses elementos UI, para atender melhor às expectativas dos utilizadores do mercado-alvo (*locale*). Essa adaptação assegura que a UI mantenha tanto a sua funcionalidade quanto a sua componente expressiva, proporcionando uma interação mais intuitiva e satisfatória, respeitando a diversidade cultural dos públicos globais.

Por último, o diagrama proposto, inspirado na teoria de Reiss (1976), oferece uma visão abrangente e clara das diferentes funções que os textos podem desempenhar. Ao organizar os textos ao longo das dimensões Expressiva, Operativa e Informativa, o diagrama não só facilita a compreensão das suas funções predominantes, como também evidencia as inter-relações e sobreposições entre estas funções. Esta análise permite reconhecer que, embora os textos possam ser predominantemente informativos, expressivos ou operativos, incorporam, muitas vezes,

múltiplas funções, refletindo a complexidade e a diversidade da comunicação escrita. Assim, a pirâmide não só serve como uma ferramenta de análise das tipologias textuais, mas também como um reflexo da diversidade de desafios enfrentados e da riqueza dos projetos desenvolvidos ao longo do estágio.

4.4. Recursos

Durante o processo de tradução, a utilização de recursos adequados é crucial para garantir a precisão, a consistência e a eficiência do trabalho realizado. Esta subsecção visa apresentar os principais recursos que foram utilizados ao longo do estágio, abrangendo ferramentas de gestão de projetos, ferramentas de apoio à tradução, ferramentas de QA e recursos linguísticos (dicionários, bases terminológicas, websites). Cada uma destas categorias desempenhou um papel essencial na otimização do processo de tradução, permitindo uma abordagem mais estruturada e profissional aos desafios encontrados. A seguir, são detalhados os recursos específicos dentro de cada categoria, demonstrando a sua relevância e impacto no sucesso dos projetos desenvolvidos.

4.4.1. Ferramentas de Gestão de Projetos

A gestão eficaz de projetos de tradução exige não apenas a organização e coordenação das tarefas, mas também uma comunicação clara e constante entre todos os membros da equipa. Para atingir esses objetivos, foi essencial o uso de algumas ferramentas que facilitaram tanto o acompanhamento dos projetos como a interação com os gestores de projetos e a restante equipa. Este contexto ativou competências interpessoais fundamentais, como a capacidade de comunicação, a colaboração e a resolução de problemas, que são cruciais para o sucesso da gestão de projetos de tradução. Estas competências interpessoais revelaram-se nucleares ao longo do estágio, refletindo a importância de uma interação eficaz e de um trabalho em equipa harmonioso para garantir a qualidade e a eficiência dos processos de tradução.

Plunet

O Plunet é uma plataforma avançada de gestão de projetos de tradução, amplamente utilizada pela sua capacidade de automatizar e integrar todas as fases do ciclo de vida dos projetos. Desde a criação de orçamentos e atribuição de tarefas, até à monitorização do progresso, faturação

e geração de relatórios detalhados, o Plunet facilita o trabalho tanto para gestores de projetos quanto para tradutores.

Para os gestores de projetos, o Plunet centraliza todas as informações essenciais, proporcionando uma visão completa e em tempo real de cada projeto. As suas funcionalidades permitem automatizar processos-chave, como a gestão de prazos e a comunicação com clientes, o que melhora a eficiência e a precisão na tomada de decisões. A integração com CAT Tools, como o SDL Trados Studio e o memoQ, assegura uma ligação fluida entre a gestão administrativa e a execução técnica das traduções.

Do ponto de vista dos tradutores, o Plunet oferece um ambiente centralizado onde é possível aceder a todas as informações, documentos e instruções necessárias para os seus trabalhos. A integração com as CAT Tools permite o uso consistente de memórias de tradução e glossários, facilitando o trabalho e garantindo a qualidade e a uniformidade das traduções. Ao concentrar as tarefas e recursos num único local, o Plunet contribui significativamente para a eficiência e organização do trabalho dos tradutores.

Ferramentas de Comunicação

Durante o estágio remoto, a comunicação foi fundamental para a coordenação e execução eficaz dos projetos de tradução, garantindo um fluxo de informações ágil entre todos os membros da equipa. Foram utilizadas três ferramentas principais de comunicação, cada uma com funções específicas.

O Microsoft Outlook serviu como a principal plataforma para a gestão de e-mails, desempenhando um papel central na comunicação formal e na partilha de informações críticas. Através do Outlook, eram recebidas notificações de novas tarefas atribuídas no Plunet e avisos sobre prazos de entrega. Além disso, era utilizado pelos gestores de projeto para enviar *feedback* detalhado sobre os trabalhos realizados, frequentemente em forma de tabelas comparativas de Excel com comentários e sugestões de melhorias, permitindo uma análise clara e estruturada do desempenho em cada projeto.

Para a comunicação diária e instantânea, o Skype foi utilizado sobretudo para mensagens de texto, facilitando a resolução rápida de dúvidas e a discussão de questões que surgiam durante o processo de tradução. Esta ferramenta proporcionou uma comunicação mais direta e informal em comparação com o *e-mail*.

Para reuniões mais extensas ou para discutir questões complexas com a orientadora, o Zoom foi a plataforma escolhida para videochamadas, permitindo uma interação mais rica e detalhada, quando necessário.

Essas ferramentas de comunicação foram cruciais para assegurar a realização eficiente e colaborativa dos processos de tradução, garantindo um fluxo contínuo de informações e a rápida resolução de quaisquer questões que surgissem ao longo do estágio.

4.4.2. CAT Tools/TEnTs

Como anteriormente referido no presente relatório, a tradução contemporânea é indubitavelmente uma interação humano-máquina (HCI), sendo as CAT Tools os segundos protagonistas desta interação. O termo “CAT” refere-se à tradução assistida por computador, ou seja, ao uso de *software* que auxilia o tradutor humano no processo de tradução. Este conceito aplica-se a traduções cuja responsabilidade principal recai sobre o tradutor, mas que envolvem ferramentas informáticas que facilitam determinados aspetos do trabalho, ao contrário da tradução automática, que é realizada principalmente por um computador, embora possa envolver alguma intervenção humana, como a pré ou pós-edição. Estas ferramentas têm sido objeto de estudo por parte dos investigadores desde os anos 60; contudo, foi apenas a partir de meados dos anos 90 que se tornaram amplamente disponíveis no mercado. Desde então, a rápida evolução tecnológica tornou a tradução assistida por computador acessível, económica, popular e, até mesmo, essencial, ajudando os tradutores, numa era globalizada da informação, a lidar com volumes cada vez maiores de texto e prazos de entrega mais curtos (Bowker & Fisher, 2010).

Existem muitas ferramentas que poderiam ser incluídas sob o conceito de CAT; no entanto, este termo refere-se, geralmente, a *software* projetado especificamente para a tarefa de tradução, e não a ferramentas de uso geral, como processadores de texto ou corretores ortográficos. Atualmente, as ferramentas mais populares e amplamente comercializadas são as chamadas TEnT, *Translation Environment Tools*. Este termo, cunhado por Jost Zetzsche (2006), refere-se a *software* que tem a memória de tradução como componente central, integrando também funções adicionais, como ferramentas de terminologia, alinhamento ou análise. Embora os termos “CAT Tool” e “TEnT” se tenham tornado praticamente sinónimos, existe uma distinção importante entre ambos. As CAT Tools referem-se ao conjunto completo de *softwares* que um tradutor profissional

utiliza no seu processo de trabalho — ou seja, as ferramentas propriamente ditas. Por outro lado, as TEnT referem-se ao *software* que integra essas várias CAT Tools num único ambiente de trabalho relativamente fácil de utilizar — ou seja, o *workbench* ou ambientes de trabalho.

O estágio curricular na L10N teve como principal objetivo o domínio de um variado leque de CAT Tools e, para tal, foram introduzidas várias TEnT que as contêm. Durante esses meses, trabalhou-se com TEnT tanto locais, de *desktop*, quanto na nuvem, cuja escolha para cada projeto recaía, na maior parte das vezes, sobre o cliente, que, por vezes, até tinham a sua própria ferramenta. Das TEnT com base no *desktop* contou-se com o memoQ, a ferramenta utilizada pela estagiária no seu percurso académico, o SDL Trados Studio e o Phrase. Na categoria de *software* na nuvem, incluiu-se o XTM e o GlobalLink. Estas plataformas baseadas na nuvem não possuem tantas funcionalidades quanto as TEnT de *desktop*, pelo que suscita ainda alguma dúvida se poderão ser consideradas TEnT.

Abaixo, apresenta-se uma tabela que contém as funcionalidades esperadas numa TEnT:

Funcionalidade	Descrição
Área de Edição	Exibe o texto fonte e oferece um campo para digitar a tradução, facilitando a comparação entre o texto original e a versão traduzida.
Área de Visualização	Permite ver uma pré-visualização do arquivo em tradução.
Memória de Tradução	Armazena traduções realizadas, exibindo traduções anteriores semelhantes, permitindo a recorrência a trabalhos anteriores e mantendo a consistência terminológica.
Term Base	Contém e exibe terminologia importante, mostrando traduções dos termos e informações adicionais para garantir o uso consistente dos termos-chave.
Módulo de Tradução Automática	Oferece sugestões de tradução, facilitando o processo, especialmente em segmentos novos ou desafiadores, embora a intervenção humana ainda seja necessária.
Módulo de QA	Verifica o arquivo traduzido em relação a erros formais, minimizando erros que poderiam afetar a apresentação final do texto.
Filtros e Funções Personalizáveis	Permitem adaptar a ferramenta às necessidades específicas do tradutor, aumentando a eficiência e produtividade durante o processo de tradução.
Concordanciador	Pesquisa um (bi)texto para todas as ocorrências de uma sequência de caracteres especificada pelo utilizador, exibindo-as em contexto.
Módulo de Análise de Documentos	Compara um novo texto a traduzir com o conteúdo de uma base de dados TM ou TB especificada, determinando o número/tipo de correspondências, permitindo que os utilizadores tomem decisões sobre quais bases de dados consultar, preços e prazos.
Sistema de Tradução Automática	Gera uma tradução automática de um segmento que não possui correspondência na base de dados TM.

Módulo de Gestão de Projetos	Ajuda os utilizadores a rastrear informações do cliente, gerir prazos e manter arquivos de projeto para cada trabalho de tradução.
Módulo de Controlo de Qualidade	Pode incluir verificadores de conformidade com linguagem controlada por ortografia, gramática, completude ou terminologia.
Extrator de Termos	Analisa (bi)textos e identifica termos candidatos, facilitando a criação e manutenção de bases de termos.

Tabela 1 - Funcionalidades de uma TEnT (Elaboração Própria, com base em Bowker & Fisher, 2010)

As funcionalidades acima apresentadas estão presentes em todos os programas de *desktop*, sendo que alguns até excedem essas expectativas. É o caso do memoQ e do Trados Studio, que, de acordo com a estagiária e a equipa, são geralmente considerados os programas mais completos. No entanto, ambos apresentam uma curva de aprendizagem mais acentuada, exigindo mais tempo de adaptação por parte dos utilizadores.

Por outro lado, nos programas baseados em *browser*, algumas funcionalidades são limitadas. Apesar destas limitações, a maioria das funcionalidades essenciais está disponível, embora sejam controladas pelas permissões definidas pelo cliente. Deste modo, a experiência da estagiária ao utilizar essas ferramentas variava significativamente consoante o cliente e as respetivas configurações.

Embora as ferramentas de *desktop* ofereçam maior versatilidade e um conjunto mais amplo de funcionalidades, tem-se verificado um crescente interesse, por parte dos clientes, nas ferramentas baseadas na nuvem. Estas são, em grande parte, gratuitas para os tradutores, ao contrário das soluções de *desktop* mencionadas, e facilitam o acompanhamento do progresso dos projetos globalmente distribuídos pelas empresas.

Relativamente à experiência da estagiária, o início revelou-se mais desafiante, sobretudo com o Trados Studio, que, apesar de ser semelhante ao memoQ em termos de funcionalidades, difere consideravelmente no que diz respeito ao *layout* e aos comandos, o que gerou alguma confusão inicial. A utilização do memoQ, por outro lado, foi mais fluida, uma vez que a estagiária já tinha explorado as suas funcionalidades durante a licenciatura e o mestrado, sendo a única novidade a integração com servidores *online*. O Phrase, introduzido mais tarde no estágio, revelou-se de fácil aprendizagem devido ao seu *layout* simples e à menor quantidade de opções no seu friso, quando comparado com os outros dois programas.

Nos programas baseados em *browser*, a maior dificuldade inicial consistiu em compreender como entregar o projeto na plataforma e, posteriormente, como exportá-lo para entrega no Plunet, determinando o formato adequado, entre outros detalhes técnicos. Estas informações eram fornecidas num ficheiro Word descarregado no Plunet, que continha os dados de login para aceder ao projeto, bem como outras informações relevantes relativas ao cliente ou projeto.

Essas dificuldades foram rapidamente superadas com o apoio dos tutoriais disponibilizados pela empresa no ambiente de trabalho remoto, que incluíam tanto documentos como vídeos explicativos. Estes vídeos, com gravações do ecrã, demonstravam detalhadamente os passos a seguir para realizar tarefas específicas, com títulos claros e objetivos, como “exportar projeto” ou “executar QA”. Para quaisquer outras dúvidas, a estagiária podia recorrer à orientadora ou a um membro da equipa mais familiarizado com a ferramenta em questão.

De forma geral, à medida que se ganha experiência com diferentes ferramentas, a adaptação a novas plataformas torna-se mais rápida e intuitiva. Esta facilidade deve-se ao facto de os fabricantes de *software* de tradução terem cada vez mais em conta a experiência do utilizador, desenvolvendo interfaces e *layouts* familiares, que seguem padrões estabelecidos. Assim, o conhecimento prévio de outras ferramentas facilita a aprendizagem de novas, uma vez que estas partilham muitas das mesmas funcionalidades e estruturas de navegação, o que torna o processo de adaptação mais eficiente.

4.4.3. Ferramentas de QA

Embora as CAT Tools ofereçam funcionalidades de QA, estas não são suficientes para garantir que os projetos estejam totalmente isentos de erros e prontos para entrega ao gestor de projetos. As CAT Tools desempenham um papel importante na verificação da qualidade durante o processo de tradução, especialmente no que se refere à consistência terminológica e à contagem de palavras. No entanto, as suas funcionalidades de QA são frequentemente limitadas, sendo mais elementares na deteção de erros complexos, como problemas de concordância, repetições e inconsistências estilísticas. Em contraste, as ferramentas especializadas em QA permitem uma análise mais rigorosa e detalhada da qualidade da tradução, gerando relatórios personalizados que podem ser utilizados para melhorar a qualidade e a consistência em projetos futuros.

Durante o estágio curricular, foi utilizado o Verifika, uma ferramenta de QA especializada desenvolvida pela Palex Group, destinada a apoiar tradutores, revisores e gestores de projetos na detecção e correção de erros em traduções, complementando e expandindo as capacidades das CAT Tools convencionais. O Verifika distingue-se pelas suas funcionalidades avançadas, como a detecção de inconsistências terminológicas e textuais, identificação de incoerências entre o texto de origem e o texto de destino, erros de tradução, omissões de texto, segmentos não traduzidos e incumprimento de glossários e memórias de tradução específicas. A ferramenta também verifica a concordância verbal e nominal, além de identificar repetições indesejadas, melhorando a qualidade e fluidez do texto traduzido e eliminando erros que frequentemente passam despercebidos nas verificações automáticas das CAT Tools.

Outro destaque do Verifika é a sua capacidade de análise de formatação e *tags*, que assegura a preservação correta do layout e dos elementos estruturais do documento, como *tags* em ficheiros HTML, XML ou outros formatos complexos. A ferramenta gera relatórios personalizados e interativos que documentam os erros encontrados, categorizando-os por tipo e gravidade e sugerindo correções. Estes relatórios são altamente configuráveis, permitindo ajustar os critérios de QA às necessidades específicas de cada cliente ou projeto, facilitando o processo de revisão e aprovação final.

O Verifika permite ainda a configuração de perfis de QA personalizados, ajustando as verificações de acordo com as preferências e exigências de cada utilizador ou projeto, o que o torna extremamente flexível e eficiente em diferentes contextos. Com suporte para múltiplos formatos de ficheiro, como XLIFF, SDLXLIFF e TMX, a ferramenta assegura uma ampla compatibilidade com as principais CAT Tools, como SDL Trados e memoQ, facilitando a sua integração nos fluxos de trabalho existentes sem necessidade de conversão adicional de ficheiros. Adicionalmente, o Verifika destaca-se pela rapidez na análise de grandes volumes de texto, sendo especialmente útil em projetos com prazos apertados, ao processar com rapidez os ficheiros e identificar áreas críticas que necessitam de revisão.

Para a verificação ortográfica, optou-se pela utilização do Microsoft Word, em vez do Verifika. O Microsoft Word oferece vantagens significativas para a revisão ortográfica e gramatical, dispondo de um dicionário abrangente e atualizado, que abrange uma vasta gama de palavras em múltiplos idiomas. A Microsoft atualiza constantemente este dicionário, garantindo a inclusão de novos termos e corrigindo eventuais deficiências. A interface intuitiva do Word facilita a identificação e correção de problemas no texto, destacando erros ortográficos com uma linha ondulada vermelha

e erros gramaticais com linhas azuis ou verdes. Além disso, o Word sugere correções com base no seu dicionário, permitindo uma revisão rápida e eficiente dos erros. A possibilidade de personalizar o dicionário, adicionando palavras específicas como nomes próprios ou termos técnicos, é outra vantagem significativa, prevenindo que sejam incorretamente assinaladas como erros. A integração do Microsoft Word com outras ferramentas de revisão, como correção gramatical e de estilo, proporciona uma análise mais completa do texto, sendo especialmente útil para documentos bilíngues ou multilíngues, dada a sua capacidade de alternar entre diferentes dicionários linguísticos.

4.4.4. Outros recursos linguísticos

Na prática da tradução, a precisão e a consistência terminológicas são cruciais para garantir a qualidade e a fidelidade dos textos traduzidos. Os materiais fornecidos pelos clientes, tais como memórias de tradução e glossários específicos, devem sempre prevalecer, uma vez que asseguram que a tradução está em conformidade com as diretrizes e requisitos particulares de cada projeto. No entanto, em situações onde estes documentos não fornecem soluções adequadas para determinados termos ou contextos, a utilização de recursos linguísticos complementares torna-se necessária. Estes recursos adicionais, que incluem diversos websites e ferramentas especializadas, ajudam a colmatar eventuais lacunas e a garantir as melhores soluções possíveis para os problemas de tradução encontrados.

A seguir, serão apresentados os principais recursos linguísticos complementares que auxiliaram a estagiária nas suas escolhas de tradução e respetivo processo decisório:

a) Dicionários

Os dicionários são, indiscutivelmente, elementos essenciais no quotidiano de um tradutor ou de qualquer profissional da área das línguas. Durante o estágio, a estagiária verificou a o carácter indispensável do uso de dicionários, tanto monolíngues quanto bilingues, na sua prática diária. Estas ferramentas proporcionaram-lhe uma maior segurança na identificação da palavra ou expressão mais adequada, assegurando que a tradução se mantivesse fiel ao texto original. A utilização de dicionários revelou-se fundamental, especialmente dada a multiplicidade de significados que uma palavra pode assumir consoante o contexto. Ao fornecerem definições

detalhadas, os dicionários permitiram à estagiária selecionar o termo mais apropriado para cada situação específica.

Adicionalmente, os dicionários são cruciais para garantir a consistência terminológica, particularmente em textos especializados onde a precisão é imperativa. Estes recursos são igualmente valiosos na resolução de ambiguidades, oferecendo explicações e exemplos de uso que esclarecem o significado exato de palavras ou frases em contextos específicos. Além disso, os dicionários contribuem para o enriquecimento linguístico dos tradutores, permitindo-lhes expandir o vocabulário e familiarizarem-se com sinónimos e antónimos, evitando a repetição excessiva de termos e, assim, promovendo a diversidade e a qualidade das traduções. A par disto, fornecem também informações gramaticais, etimológicas e contextuais que são fundamentais para a aplicação precisa de termos em diferentes contextos linguísticos. Os dicionários desempenham ainda um papel relevante na correção ortográfica e gramatical, ajudando a prevenir erros que poderiam comprometer a qualidade do trabalho tradutório. Adicionalmente, as entradas dos dicionários podem servir como suporte justificativo para as escolhas de tradução efetuadas.

Durante o período de estágio, os dicionários mais frequentemente utilizados pela estagiária incluíram a Infopédia (<https://www.infopedia.pt/>) para o português de Portugal, que serviu tanto como dicionário monolíngue como bilingue, dado apresentar ambas as funcionalidades. Para o inglês, a estagiária alternou entre o Cambridge Dictionary (<https://dictionary.cambridge.org/>) e o Merriam-Webster (<https://www.merriam-webster.com/>), escolhendo conforme a variante do texto de origem; ambos oferecem versões monolíngues, bilingues e tesouros. No caso da língua francesa, recorreu ao Larousse, que também disponibiliza versões monolíngue e bilingue.

Para além destes, a estagiária fez uso do Linguee (<https://www.linguee.pt/>), uma ferramenta que se distingue dos dicionários tradicionais por combinar um dicionário bilingue com um motor de busca que consulta uma vasta base de dados de textos traduzidos, funcionando como um corpus. Esta funcionalidade permite observar como termos e frases são utilizados em contextos reais, fornecendo exemplos práticos de traduções em vários idiomas e oferecendo, assim, uma perspetiva contextualizada que complementa o uso dos dicionários convencionais.

Em situações específicas, como em projetos que exigiam o uso do antigo acordo ortográfico, a estagiária recorreu a dicionários físicos da sua biblioteca pessoal. Isto porque, embora tenha sido alfabetizada segundo o antigo acordo, o novo entrou em vigor em 2009, apenas dois anos depois, o que justifica a necessidade de utilizar estas referências para assegurar a conformidade com os requisitos linguísticos desses projetos.

b) Bases terminológicas

Na prática tradutória, as bases terminológicas desempenham um papel fulcral na manutenção da consistência e precisão dos termos técnicos e especializados. Estas bases fornecem uma compilação estruturada de termos e suas definições, frequentemente organizadas por áreas de conhecimento específicas. A utilização de bases terminológicas é fundamental para assegurar que a terminologia utilizada na tradução esteja alinhada com os padrões e práticas da área de especialização do texto.

Um recurso muito utilizado pela estagiária é o IATE (InterActive Terminology for Europe), acessível através do site: <https://iate.europa.eu/>. O IATE é uma base de dados terminológica desenvolvida pela União Europeia que oferece um extenso repertório de termos e respetivas equivalências em múltiplos idiomas. Este recurso é amplamente utilizado para a tradução de documentos oficiais e técnicos, sendo essencial para garantir a precisão e a uniformidade na utilização da terminologia em contextos regulatórios e especializados.

O IATE proporciona acesso a uma vasta gama de termos utilizados em documentos da UE, cobrindo áreas como direito, economia, política e ciências. A base é atualizada regularmente, refletindo as mudanças e desenvolvimentos nas terminologias usadas nas instituições europeias. Utilizar o IATE permite aos tradutores consultar uma fonte confiável de terminologia, o que é particularmente útil para assegurar a conformidade com os requisitos específicos dos textos traduzidos e para manter a consistência terminológica e também fraseológica ao longo do documento.

c) Ferramentas de Tradução Automática

Tendo já o hábito de utilizar ferramentas de tradução automática nos seus trabalhos de mestrado, a estagiária optou por integrá-las também no seu fluxo de trabalho durante o estágio. Esta escolha, contudo, foi guiada por critérios específicos, nomeadamente a familiaridade com a ferramenta e a qualidade superior dos *outputs* gerados em comparação com outras opções testadas. A ferramenta de seleção foi o DeepL (<https://www.deepl.com/>), que se destaca pela produção de traduções mais naturais e contextualmente precisas, superando muitas outras soluções disponíveis no mercado. O diferencial do DeepL reside na sua capacidade de captar nuances e contextos, proporcionando traduções que frequentemente mantêm o estilo e o tom do

texto original, o que é particularmente vantajoso para tradutores que necessitam de uma base de alta qualidade para uma posterior revisão aprofundada.

Para compreender o que distingue o DeepL de outras ferramentas, é relevante explorar brevemente a evolução da tradução automática. Desde o seu início, a tradução automática (MT) tem passado por várias fases, cada uma introduzindo novas teorias e práticas que geraram expectativas elevadas. Os sistemas iniciais, baseados em regras linguísticas (RBMT), foram eventualmente substituídos pelos modelos estatísticos (SMT). Contudo, ambos os sistemas enfrentaram limitações significativas. A RBMT, por exemplo, exigia a incorporação de um número extenso de regras linguísticas, o que se revelou impraticável. Já a SMT, embora bem-sucedida em muitos contextos comerciais, apresentava desafios como a tomada de decisões de tradução de forma localizada ao nível da frase, frequentemente desconsiderando dependências de longo alcance, o que comprometia a qualidade do resultado. Além disso, a SMT tornava-se cada vez mais complexa com a adição de novas características à sua estrutura log-linear, exigindo a afinação separada de múltiplos componentes, como modelos de tradução e reordenação, o que dificultava a integração e a inovação, levando a uma saturação na qualidade das traduções e demonstrando a necessidade de uma reformulação substancial.

A Tradução Automática Neural (NMT) surgiu como solução para estes problemas, substituindo os múltiplos componentes da SMT por uma única rede neural extensiva, composta por milhões de neurónios artificiais, que modela todo o processo de tradução. A NMT requer um conhecimento mínimo do domínio, precisando apenas de um corpus paralelo de pares de frases na língua de origem e de destino, o que, à semelhança da SMT, mas com muito menos etapas de pré-processamento, facilita a construção do modelo de tradução. Uma das principais vantagens da NMT é a sua capacidade de ser treinada de forma integrada e diretamente a partir do objetivo de aprendizagem, eliminando a necessidade de ajustar componentes separados, como nos sistemas SMT (Luong, 2016).

Um modelo típico de NMT inclui dois componentes principais: uma rede codificadora, que transforma a frase de origem num vetor de valores reais, e uma rede decodificadora, que gera a tradução a partir desse vetor. Este processo assemelha-se ao método humano de tradução, onde a NMT “lê” toda a frase de origem e, com base na sua compreensão, gera a frase de destino palavra por palavra. Ao contrário dos métodos anteriores, como RBMT e SMT, a NMT não depende de regras e características definidas por humanos, sendo um sistema *end-to-end* que aprende diretamente as representações semânticas e o conhecimento de tradução a partir dos corpora de treino. Esta abordagem tem consolidado a NMT como a metodologia predominante na comunidade

de tradução automática (Wang et al., 2022), o que também explica o sucesso do DeepL, uma vez que é baseado em NMT.

d) Recursos de Tradução Especializada

Na prática tradutória, os recursos de tradução especializada são essenciais para abordar textos que exigem um conhecimento aprofundado de terminologia específica e técnicas de tradução em áreas especializadas. Estes recursos proporcionam acesso a bancos de dados, fóruns e ferramentas dedicadas, orientadas para contextos essencialmente profissionais, que são cruciais para garantir precisão e consistência em áreas técnicas e sectoriais.

Um recurso de grande valor é o ProZ (<https://www.proz.com/>). O ProZ é uma plataforma amplamente reconhecida na comunidade de tradução, oferecendo uma vasta gama de ferramentas e serviços voltados para tradutores profissionais. Entre as suas funcionalidades, destaca-se o Term Search, uma ferramenta especializada que permite pesquisar e consultar termos técnicos e especializados em diversos idiomas.

O Term Search do ProZ é particularmente útil para tradutores que precisam de acesso a terminologia precisa e contextualmente adequada em áreas específicas, como direito, medicina, engenharia e outras. A plataforma agrega terminologia de diversas fontes e contribuições de profissionais da área, o que proporciona uma base de dados abrangente e atualizada.

Além do Term Search, o ProZ oferece fóruns de discussão e recursos colaborativos que permitem aos tradutores trocar experiências e resolver dúvidas sobre terminologia e questões técnicas. Este aspeto comunitário é um grande benefício, uma vez que permite aos tradutores obter feedback e soluções para desafios específicos que possam surgir durante o processo de tradução.

V. Análise SWOT do estágio

A análise SWOT, desenvolvida em 1960 por Albert S.Humphrey, é uma ferramenta estratégica amplamente utilizada para identificar e avaliar os pontos fortes (*Strengths*), pontos fracos (*Weaknesses*), oportunidades (*Opportunities*) e ameaças (*Threats*) de um contexto específico, como um projeto, organização ou experiência profissional. Este método permite uma análise estruturada e abrangente das condições internas e externas que podem influenciar o desempenho, facilitando o desenvolvimento de estratégias informadas que maximizem os pontos positivos e minimizem os desafios e riscos associados. A análise SWOT é particularmente útil em processos de avaliação, pois oferece uma visão clara dos recursos disponíveis e das áreas que necessitam de melhoria.

Nesta secção, a análise SWOT será aplicada para refletir sobre a experiência adquirida durante o estágio, proporcionando uma visão sistemática dos elementos que influenciaram o percurso formativo. Através da identificação das forças, serão destacadas as competências desenvolvidas e os recursos que facilitaram o desempenho das tarefas atribuídas. A avaliação das fraquezas permitirá uma análise crítica das áreas que necessitam de maior atenção ou melhoria. Por outro lado, a exploração das oportunidades externas evidenciará os fatores que poderiam ser aproveitados para o crescimento profissional, enquanto a identificação das ameaças destacará os desafios e limitações impostos pelo ambiente externo.

Ao aplicar esta ferramenta ao contexto do estágio, a análise SWOT oferecerá uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas envolvidas, ajudando a traçar um balanço realista do impacto da experiência no desenvolvimento profissional da estagiária.

Pontos Fortes	Pontos Fracos
• Desenvolvimento de competências técnicas • Experiência com um leque variado de ferramentas • Experiência com uma vasta gama de domínios e áreas de especialização • Feedback constante • Equipa simpática e prestável	• Falta de familiaridade inicial com as ferramentas • Falta de conhecimento em relação a certos domínios • Limitações na interação e colaboração direta • Falta de imersão no ambiente corporativo • Incapacidade de apontar toda a informação quantitativa para apresentar no presente relatório
Oportunidades	Ameaças
• Oportunidade de trabalhar remotamente • Expansão da rede profissional • Conhecimento da realidade da indústria • Ganho de experiência na área • Melhoria do CV	• Isolamento e desmotivação característicos dos trabalhos remotos • Pressão por prazo e qualidade • Falta de documentos de referência por parte de alguns clientes

Tabela 2 - Análise SWOT

O estágio na L10N revelou-se uma experiência marcante, proporcionando diversas oportunidades de crescimento tanto a nível técnico como pessoal. Ao longo do estágio, verificou-se uma consolidação significativa das competências técnicas, fruto da utilização de uma vasta gama de ferramentas e da exposição a uma ampla variedade de domínios e áreas de especialização. O ambiente de trabalho, ainda que virtual, destacou-se pelo apoio constante da equipa, caracterizada por uma abordagem acolhedora e prestável, o que contribuiu substancialmente para um percurso de aprendizagem contínua.

No entanto, como em qualquer experiência profissional, surgiram desafios. A fase inicial exigiu uma adaptação rápida a novas ferramentas e ao domínio de conteúdos específicos, o que, apesar de desafiante, impulsionou o desenvolvimento de uma abordagem mais proativa e resiliente. A modalidade remota, embora benéfica em muitos aspetos, limitou a interação presencial e direta com a equipa, reduzindo a imersão na dinâmica corporativa e a troca espontânea de conhecimentos que, tipicamente, ocorre num ambiente de trabalho físico.

As oportunidades proporcionadas pelo estágio foram notáveis, destacando-se a possibilidade de expandir a rede profissional e de adquirir um conhecimento profundo sobre o funcionamento da indústria da tradução técnica. A opção pelo trabalho remoto, em particular, revelou-se uma vantagem significativa, permitindo aceder a uma experiência enriquecedora numa empresa de referência, sem os custos adicionais associados a um estágio presencial. Esta modalidade foi crucial para facilitar o desenvolvimento profissional e garantir uma progressão significativa, alavancando a carreira sem comprometer recursos financeiros. Estas vivências não só enriqueceram o currículo, como também abriram novas perspetivas de carreira, consolidando uma base sólida para futuras oportunidades no setor.

Por outro lado, o formato remoto trouxe consigo alguns desafios, como o risco de isolamento e a necessidade constante de automotivação, fatores inerentes a esta modalidade de trabalho. A pressão para cumprir prazos rigorosos, mantendo elevados padrões de qualidade, testou a capacidade de gestão do tempo e a eficácia sob pressão. Adicionalmente, a ocasional falta de documentos de referência por parte de alguns clientes gerou situações que exigiram uma maior capacidade de pesquisa e adaptação, reforçando a importância da flexibilidade e da proatividade.

Em suma, o estágio na L10N foi uma experiência enriquecedora que ofereceu uma visão abrangente e realista da tradução técnica e especializada. Mais do que o desenvolvimento de competências técnicas, o estágio proporcionou um valioso conhecimento sobre o funcionamento interno de uma empresa de tradução de maior dimensão e o quotidiano de um tradutor profissional.

VI. Considerações finais

Este relatório de estágio, focado na redefinição do papel e das competências do tradutor no contexto atual, permitiu uma reflexão aprofundada sobre o impacto da globalização, dos avanços tecnológicos e do surgimento das economias neoliberais na prática tradutória. A experiência adquirida ao longo do estágio na L10N Studio, Lda., aliada a um sólido enquadramento teórico, proporcionou uma visão abrangente das transformações que moldam esta profissão, desde a conceptualização inicial do tradutor até à sua aplicação prática no mercado de trabalho.

Este título, que inicialmente estava projetado para abordar a rotina, o stress e os hábitos do tradutor na sua relação com a tecnologia, foi mudando o seu conteúdo à medida que o estágio avançava e a estagiária era exposta a uma outra realidade que suscitou uma análise mais profunda do que é ser tradutor profissional, focando-se em aspetos mais latentes da vida do tradutor, como a sua agência, estatuto, posição hierárquica na sociedade e perspetivas futuras da profissão. Nesse sentido, esta experiência prática expandiu os horizontes de reflexão da estagiária, proporcionando novas perspetivas sobre o posicionamento do tradutor na sociedade contemporânea.

Articulando as três vertentes que orientam este relatório — o enquadramento teórico escolhido, a experiência no mestrado, representativo da formação de tradutores, e a prática adquirida no estágio — conclui-se o seguinte:

A rotina numa empresa de tradução em 2024 revelou a rapidez com que se vive e trabalha atualmente. A colaboração com clientes de renome internacional, os fluxos de trabalho distribuídos por várias empresas de tradução e *Language Service Providers* globais, as grandes cargas de trabalho e os prazos apertados são alguns dos desafios diários. A escala deste tipo de cadeia de fornecimento de serviços de tradução realmente faz com que o tradutor sinta a pequena agência e visibilidade que tem relativamente ao seu trabalho. Além disso, a informação limitada e as poucas referências relativas a certos projetos também são fatores que afetam a qualidade e o processo tradutório. Relativamente à automatização do processo tradutório, a estagiária sentiu que, na sua experiência de estágio, o trabalho ainda não se encontra tão automatizado quanto se previa, já que muitos projetos continuam a exigir tradução manual, embora haja uma tendência crescente para a pós-edição de textos traduzidos por MT. Esta realidade ainda difere da visão de Alan Melby (2006), por exemplo, que previa um futuro onde o tradutor seria apenas um pós-editor. O mais provável é que se chegue a essa realidade e que, com certeza, há empresas que já atuam dessa maneira; no entanto, não descreve a experiência que a estagiária teve 18 anos após esse artigo ser lançado.

Quanto à formação de tradutores, e em particular ao Mestrado em Tradução e Comunicação Multilíngue (MTCM), verificou-se a eficácia do currículo profissionalizante. Os projetos reais realizados ao longo do curso, em colaboração com empresas e universidades, proporcionaram uma preparação adequada para o desenvolvimento das competências delineadas pelo EMT (*European Master's in Translation*). Os estudantes foram desafiados a cumprir prazos, a manter uma comunicação profissional com as entidades colaboradoras e a trabalhar com as tecnologias que hoje integram o fluxo de trabalho do tradutor, como as CAT Tools/TEnTs e a tradução automática (MT). O incentivo ao uso destas ferramentas, mesmo durante o processo formativo, foi crucial, pois permitiu aos estudantes reconhecer as limitações da MT e, ao mesmo tempo, desenvolver uma maior capacidade de autocritica e autoconhecimento, tal como abordado por Öner Bulut no enquadramento teórico deste relatório.

Considerando o currículo do MTCM, que segue o modelo europeu do EMT, podemos concluir que esta uniformização curricular cumpre, efetivamente, o seu propósito: capacitar os estudantes com as competências necessárias para uma atuação bem-sucedida no mercado de tradução. No entanto, apesar de esta formação produzir bons profissionais, ainda existem lacunas significativas no que diz respeito aos direitos laborais dos tradutores. Estas lacunas refletem-se na falta de reconhecimento formal da profissão, na precariedade laboral e na qualidade de vida de quem se dedica à tradução como carreira, e não apenas como uma ocupação ou *hobby*. A questão da agência do tradutor, também discutida no enquadramento teórico, é, por isso, essencial neste contexto.

É inegável que o tradutor contemporâneo deve adaptar-se aos avanços tecnológicos, integrando-os no seu fluxo de trabalho. No entanto, não pode permitir que a utilização dessas mesmas tecnologias o rebaixem ou diminuam a sua importância, servindo como justificação para reduzir o seu capital, seja ele simbólico, social, económico ou cultural. Para assegurar a sobrevivência e a dignidade da profissão, é necessário que os tradutores se unam e criem um sentido de identidade coletiva. O tradutor precisa de deixar para trás o seu estatuto de invisibilidade, que há muito tempo o acompanha e que, de certa forma, tem contribuído para a sua precariedade. Maximizar a agência do tradutor exige um equilíbrio entre o desenvolvimento de competências individuais e a ação coletiva. Ao reforçar a importância do seu papel, os tradutores poderão resistir às pressões globalizadoras que ameaçam a sua profissão.

Este esforço conjunto, aliado à capacitação individual, tem o potencial de melhorar significativamente a qualidade de vida dos tradutores e garantir um reconhecimento mais justo da

sua relevância no mercado. No entanto, dado que tal mudança depende de um movimento a partir da própria comunidade tradutória, implicando um certo esforço coletivo, a questão permanece: *Quo Vadis, interpres?*

Nota final: Considere-se isto um *call to action* para esta nova geração de tradutores.

VII. Referências Bibliográficas

- Abdallah, K., & Koskinen, K. (2007). Managing trust: Translating and the network economy. *Meta*, 52(4), 673–687. <https://doi.org/10.7202/017692ar>
- Abdallah, K. (2010). Translator's agency in production networks. In T. Kinnunen & K. Koskinen (Eds.), *Translator's agency*. Tampere University Press.
- Alves, F. (2011). *As faces de Jano: Contributos para uma cartografia identitária e socioprofissional dos tradutores da região norte de Portugal*. <https://hdl.handle.net/1822/19816>
- Austermühl, F. (2011). On clouds and crowds: Current developments in translation technology. *T21—Translation in Transition*, 9, 1–26. <http://t21n.com/homepage/articles/T21N%202011-09-Austermuehl.pdf>
- Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Polity Press. ISBN: 978-0-745-62409-9
- Berardi, F. (2015). *And: Phenomenology of the end*. Semiotext(e).
- Bourdieu, P. (1968) Structuralism and Theory of Sociological Knowledge. *Social Research*, 35, 681-706.
- Bowker, L., & Fisher, D. (2010). Computer-aided translation. In *Handbook of translation studies*. <https://doi.org/10.1075/hts.1.comp2>
- Bühler, K. (1934). *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Stuttgart: Gustav Fischer.
- Bulut, Ö. (2019). Integrating machine translation into translator training: Towards 'human translator competence'? *Translogos Translation Studies Journal*, 2/2(2/2), 1–26. <https://doi.org/10.29228/translogos.11>
- Byrne, J. (2006). *Technical translation: Usability strategies for translating technical documentation*. Springer. <https://doi.org/10.1007/1-4020-4653-7>
- Chesterman, A. (1995). The successful translator: The evolution of homo transferens. *Perspectives*, 3(2), 253–270. <https://doi.org/10.1080/0907676x.1995.9961266>
- Chesterman, A. (2000). A causal model for Translation Studies. In M. Olohan (Ed.), *Intercultural Faultlines: Research models in Translation Studies 1: Textual and Cognitive Aspects* (pp. 15–27). St. Jerome.
- Chen, H., & Zhang, X. (2020). Application of Reiss's Text typology in translation—A case analysis of Franklin D. Roosevelt's fourth inaugural. *East African Scholars Journal of Education, Humanities and Literature*, 3(2), 34–37. <https://doi.org/10.36349/EASJEHL.2020.v03i02.005>
- Comissão Europeia. (1999). *Declaração de Bolonha: Declaração conjunta dos ministros europeus da educação*. https://ehea.info/media.ehea.info/file/Ministerial_conferences/05/3/1999_Bologna_Declaration_Portuguese_553053.pdf
- Comissão Europeia. (2022). *European master's in translation (EMT) competence framework 2022*. Publications Office of the European Union. https://commission.europa.eu/system/files/2022-11/emt_competence_fw_2022_en.pdf
- Cronin, M. (2010). The translation crowd. *Revista Tradumática*, 8, 1–7. <https://doi.org/10.5565/rev/tradumatica.100>

- Cronin, M. (2013). *Translation in the digital age*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203073599>
- DePalma, D. A., Pielmeier, H., & Stewart, R. G. (2018). *The language services market: 2018* (Report). Common Sense Advisory.
- Dunne, K. (2012). The industrialization of translation: Causes, consequences, and challenges. *Translation Spaces*, 1, (p.144). <https://doi.org/10.1075/ts.1.07dun>
- Esselink, B. (2000). *A practical guide to localization*. In *Language international world directory*. <https://doi.org/10.1075/liwd.4>
- Friedman, T. (2005). It's a flat world, after all. *The New York Times Magazine*. <https://www.nytimes.com/2005/04/03/magazine/its-a-flat-world-after-all.html>
- Gotti, M., & Sarcevic, S. (2007). *Insights into specialized translation*. In Peter Lang CH eBooks. <https://doi.org/10.3726/978-3-0351-0411-0>
- Hilbert, M., & López, P. (2011). The world's technological capacity to store, communicate, and compute information. *Science*, 332, 60–65.
- Howe, J. (2006). The rise of crowdsourcing. *Wired Magazine*, 14.06, 1–5. https://sistemas-humano-computacionais.wdfiles.com/local-files/capitulo%3Aredes-sociais/Howe_The_Rise_of_Crowdsourcing.pdf
- Hurtado Albir, A. (2010). Competence. In *Handbook of translation studies* (pp. 55–59). <https://doi.org/10.1075/hts.1.comp1>
- Huws, U. (2014). *Labor in the global digital economy: The cybertariat comes of age*. Monthly Review Press.
- ISO 17100:2015. (2015). *ISO*. <https://www.iso.org/standard/59149.html>
- Johnson, P. (1992). *Human computer interaction: Psychology, task analysis and software engineering*. McGraw-Hill.
- Katan, D. (2016). Translation at the crossroads: Time for the transcreational turn? *Perspectives*, 24(3), 365–381.
- Katan, D. (2017). *Translation theory and professional practice: A global survey of the great divide*. *HERMES - Journal of Language and Communication in Business*, 42, 111–153. <https://doi.org/10.7146/hjlc.v22i42.96849>
- Kelly, D. (2005). *A handbook for translator trainers: A guide to reflective practice*. Routledge.
- Kiraly, D. (1995). *Pathways to translation: Pedagogy and process*. The Kent State University Press.
- Kiraly, D. (2000). *A social constructivist approach to translator education: Empowerment from theory to practice*. St. Jerome.
- Kinnunen, T., & Koskinen, K. (Eds.). (2010). *Translators' agency*. Tampereen yliopistopaino. <http://tampub.uta.fi/tulos.php?tiedot=340>
- Luong, M. (2016). Neural machine translation. *Stanford Digital Repository*. <https://purl.stanford.edu/rn731gk5931>
- Melby, A. K. (2006). MT+TM+QA: The future is ours. *Tradumàtica: Traducció i tecnologies de la informació i la comunicació*, no. 4. <https://raco.cat/index.php/Tradumatica/article/view/56004>

- Moorkens, J. (2017). Under pressure: Translation in times of austerity. *Perspectives*, 25(3), 464–477. <https://doi.org/10.1080/0907676x.2017.1285331>
- Moorkens, J. (2020). Translation in the neoliberal era. In *Routledge eBooks* (pp. 323–336). <https://doi.org/10.4324/9781003121848-27>
- Neff, G. (2012). *Venture labor: Work and the burden of risk in innovative industries*. C Press.
- Cannon, R., & Newble, D. (2000). *Handbook for teachers in universities and colleges*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315042305>
- O'Brien, S. (2012). Translation as human–computer interaction. *Translation Spaces*, 1, 101–122. <https://doi.org/10.1075/ts.1.05obr>
- PACTE. (2003). Building a translation competence model. In *Benjamins translation library* (pp. 43–66). <https://doi.org/10.1075/btl.45.06pac>
- PACTE. (2020). Translation competence acquisition. Design and results of the PACTE group's experimental research. *The Interpreter and Translator Trainer*, 14(2), 95–233. <https://doi.org/10.1080/1750399x.2020.1732601>
- Porto Editora. (2024). Tradutor. Em Infopédia - Dicionários Porto Editora. <https://www.infopedia.pt/>
- Pym, A. (2000a). Globalization and segmented language services. Intercultural Studies Group, Universitat Rovira i Virgili. <http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/segmentation.htm>
- Pym, A. (2003). Redefining translation competence in an electronic age. In defence of a minimalist approach. *Meta*, 48(4), 481–497. <https://doi.org/10.7202/008533ar>
- Pym, A., Orrego-Carmona, D., & Torres-Simón, E. (2016). Status and technology in the professionalisation of translators: Market disorder and the return of hierarchy. *Journal of Specialised Translation*, (25), 33–53.
- Raído, V. (2016). Translators as adaptive experts in a flat world: From globalization 1.0 to globalization 4.0?. *International Journal of Communication*, 10, 970–988. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/3504/1574>
- Reiss, K. (1976). *Texttyp und Übersetzungsmethode: Die operative Text*.
- Reiss, K. (1989). Text types, translation types and translation assessment. In A. Chesterman (Ed.), *Translation assessment: From principles to practice* (pp. 105–115).
- Reinsel, D., Gantz, J., & Rydning, J. (2018). *The digitization of the world: From edge to core*. IDC White Paper. <https://www.seagate.com/www-content/our-story/trends/files/idc-seagate-dataage-whitepaper.pdf>
- Ruokonen, M. (2013). Studying translator status: Three points of view. In M. Eronen & M. Rodi-Risberg (Eds.), *Haasteena näkökulma: VAKKI-symposiumi XXXIII* (pp. 7–8). VAKKI Publications. ISBN 978-952-67887-2-2.
- Schäler, R. (1999). New media localisation: Linglink report for the European Commission DGXIII.
- Simeoni, D. (1998). The pivotal status of the translator's habitus. *Target: International Journal of Translation Studies*, 10(1), 1–39. <https://doi.org/10.1075/target.10.1.02sim>
- Standing, G. (2014). *The precariat*. *Contexts*, 13(4), 10–12. <https://doi.org/10.1177/1536504214558209>

- Tyler, A. F. (1791). *Essay on the principles of translation* (3rd rev. ed., 1813). In *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science*. Series 1, *Amsterdam classics in linguistics, 1800–1925*. <https://doi.org/10.1075/acil.13>
- Vidal Claramonte, M. C. (2009). Rethinking translation in the 21st century. *MonTI: Monografías de Traducción e Interpretación*, (1), 39–48.
- Wang, H., Wu, H., He, Z., Huang, L., & Church, K. W. (2022). Progress in machine translation. *Engineering*, 18, 143–153. <https://doi.org/10.1016/j.eng.2021.03.023>
- Wilss, W. (1976). Perspectives and limitations of a didactic framework for the teaching of translation. In *Translation applications and research* (pp. 117–137).
- Wolf, M., & Serpa, T. (2021). The sociology of translation and its “activist turn.” *Belas Infiéis*, 10(4), 1–18. <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v10.n4.2021.31290>
- Zetzsche, J. (2006). Tool kit: Playing the name game. *TranslatorsCafé*. <https://www.translatorscafe.com/cafe/Articles.asp?ArtID=54>